

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Mariana Paulino Machado

**Vidas em entrelugares: trajetórias de migrantes haitianos/dominicanos, trabalhadores
na reciclagem em Florianópolis**

FLORIANÓPOLIS
2020

Mariana Paulino Machado

Vidas em entrelugares: trajetórias de migrantes haitianos/dominicanos, trabalhadores na reciclagem em Florianópolis

Trabalho de conclusão do curso de Graduação em Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Ione Ribeiro Valle
Coorientadora: Dra. Gabriela Albanás Couto

FLORIANÓPOLIS
2020

Mariana Paulino Machado

Vidas em entrelugares: trajetórias de migrantes haitianos/dominicanos, trabalhadores na reciclagem em Florianópolis

Trabalho de conclusão do curso de Graduação em Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Silvana Rodrigues de Souza Sato, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Santiago Pich, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Luana Lopes, MSc.
Universidade Federal de Santa Catarina

Aos migrantes protagonistas desta
pesquisa.

Que nunca lhes falte alento nas travessias
dessa vida.

AGRADECIMENTOS

“O que eu sou, eu sou em par. Não cheguei sozinho”, canta Lenine. Esse trecho da música “Castanho” expressa bem minha trajetória até aqui. No meu processo formativo, contínuo e inacabado, no percurso de graduação e na construção desta pesquisa, não tenho caminhado sozinha, sempre em par. E quero aqui expressar minha gratidão às pessoas que têm trilhado esse caminho ao meu lado.

Ao Deus de amor, que me sustenta em vida. Esse que não se assenta num trono, mas em mim habita. Obrigada pelo fôlego de vida e por sempre ser um lugar seguro para onde posso correr. Aos meus pais, Goretti e Roberto, minhas raízes. Por se fazerem sempre presentes, apoiando, encorajando e vibrando por cada passo meu. Às minhas irmãs, Fabiana e Juliana, com quem divido as melhores histórias e memórias. Obrigada pela parceria e pelos conselhos de sempre. Por tanto e por tudo, obrigada, minha amada família!

À professora Ione Ribeiro Valle, orientadora querida e a quem muito admiro. Obrigada pelo acolhimento na orientação e pela mediação generosa durante o processo. À Gabriela Albanás Couto, coorientadora querida, com quem divido as alegrias e angústias do processo de pesquisa. Obrigada por mediar minha inserção em campo e me acompanhar em todo percurso, sempre com muita parceria, paciência e sensibilidade. Sou sua fã, Gabi! Ao professor Santiago Pich, por acolher gentilmente minhas ideias desde o início e por ter me apresentado à Ione e Gabriela. Você também faz parte da construção deste trabalho.

À UFSC e a todos os estudantes, servidores, terceirizados e trabalhadores que compõem aquele espaço, por possibilitarem a mim inúmeras vivências, experiências e aprendizagens nesses últimos anos, os quais certamente me marcarão para sempre. Meu afeto e agradecimento especialmente às professoras e professores da Pedagogia, por construírem comigo meu processo formativo.

Às colegas da Pedagogia, especialmente às amigas Ingrid, Clara, Caroll, Lari e Ellen, companheiras de turma, trabalhos, bares e cafézinhos na UFSC. A amizade de vocês é das coisas mais preciosas que a Universidade me deu. Obrigada por dividirem comigo esses quase 5 anos de graduação. Às amigas Marcela, Priscilla e Roberta, por serem minha dose diária de alegria e apoio nessa etapa e em todas as outras. Às colegas-amigas de trabalho do CEAF/MPSC, órgão no qual tive o privilégio de estagiar por dois anos: Sabrina, Duda, Letícia, Sofia, Rafa e Camila. Obrigada pelas companhias diárias e por tornarem esse processo bem mais leve. Agradeço especialmente à querida Gisela pela chefia tão compreensiva, afetuosa e

amiga. Eu amo a nossa parceria e sou imensamente grata por flexibilizar meu horário de trabalho, tornando possível minha presença no campo de pesquisa.

À Associação de Coletores de Materiais Recicláveis e a todos os associados, especialmente Dilce e Preto, por abrirem as portas da instituição para mim com confiança e generosidade. E, por fim, mas, obviamente, não menos importante, aos migrantes que compõem este estudo. Obrigada por confiarem a mim suas histórias, construindo comigo essa bonita trajetória. Esta pesquisa é sobre vocês e é dedicada a vocês.

*Mande notícias do mundo de lá
Diz quem fica
Me dê um abraço, venha me apertar
Tô chegando!
Coisa que gosto é poder partir
Sem ter planos
Melhor ainda é poder voltar
Quando quero
Todos os dias é um vai-e-vem
A vida se repete na estação
Tem gente que chega pra ficar
Tem gente que vai pra nunca mais
Tem gente que vem e quer voltar
Tem gente que vai e quer ficar
Tem gente que veio só olhar
Tem gente a sorrir e a chorar
E, assim, chegar e partir
São só dois lados
Da mesma viagem
O trem que chega
É o mesmo trem da partida
A hora do encontro
É também de despedida
A plataforma dessa estação
É a vida desse meu lugar
É a vida desse meu lugar
É a vida!*

Encontros e Despedidas
(Milton Nascimento e Fernando Brant)

RESUMO

No âmbito acadêmico muito se tem pesquisado sobre os fluxos migratórios nacionais e internacionais. O fenômeno das Migrações é historicamente produzido e impulsionado por fatores diversos (econômicos, sociais e políticos), resultando em significativas implicações na vida dos sujeitos que migram, bem como nas sociedades de saída e chegada. O Brasil, na última década, tem se revelado um atrativo destino para migrantes, especialmente os haitianos, os quais aqui chegam motivados, principalmente, por melhores condições de vida e trabalho. Assim, esta pesquisa de conclusão de curso em Pedagogia pretende compreender como um grupo de migrantes, oriundos do Haiti e República Dominicana, trabalhadores em uma associação de catadores em Florianópolis, vive e atribui sentido às experiências migratórias. Trata-se de uma pesquisa de cunho sociológico, cujo método é etnográfico. A fim de tentar conhecer as estratégias com as quais esses sujeitos operam para sobreviver no Brasil e se integrar na sociedade brasileira, especialmente no âmbito do trabalho, foram aplicados questionários e realizada uma entrevista semiestruturada com a única migrante fluente em língua portuguesa. Buscou-se, dessa forma, conhecer as motivações pelas quais o grupo decidiu (ou foi levado) a migrar; o grau de escolaridade dos sujeitos; as condições de trabalho e como o grupo se relaciona com esse trabalho; os desafios por eles enfrentados nos processos de integração na cultura e sociedade brasileira e, por fim, as expectativas e perspectivas futuras dos migrantes. O que se observa, a partir dos relatos e depoimentos dos migrantes, é um forte desejo de proporcionar à família a oportunidade de uma condição de vida diferenciada daquela que tiveram. Deslocados dos seus países, de suas culturas e raízes, o que parece prevalecer nesse grupo, além da saudade, é, também, um certo sentimento de não pertencimento, o qual é potencializado por desafios como o domínio da língua, as insuficientes políticas de acolhimento e questões de ordem discriminatória como racismo e xenofobia. Observa-se, também, que as experiências migratórias dos participantes deste estudo se constituem no entrelugar, de memórias e vivências que ora eles desejam esquecer, ora querem recuperar. Na vida desses migrantes, cansaço, solidão, saudade e frustração se fazem potencialmente presentes. E, junto disso, coabitam garra, sonho, esperança e resistência. É de sonho e é de luta que se constitui a experiência migratória desses sujeitos. Além de conhecer as experiências migratórias do grupo participante da pesquisa, este trabalho busca também refletir sobre o lugar do sujeito migrante no contexto educacional brasileiro, bem como a relevância da abordagem da temática nas pesquisas de Educação e nas discussões do Curso de Pedagogia.

Palavras-chave: Catadores de materiais recicláveis; Migrações; Práticas sociais; Educação e Integração social.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACMR - Associação de Coletores de Materiais Recicláveis

CPF - Cadastro de Pessoas Físicas

COMCAP - Autarquia de Melhoramentos da Capital

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LAPSB - Laboratório de Pesquisas Sociológicas Pierre Bourdieu

OBMigra - Observatório das Migrações Internacionais

OIM - Organização Internacional para as Migrações

ONGs- Organizações Não Governamentais

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A escritora Carolina Maria de Jesus, catadora na época, e seus filhos, em 1955.	15
Figura 2 – Inauguração da ampliação do galpão da ACMR em abril de 2014.	16
Figura 3 – Vista externa do Galpão da ACMR.	19
Figura 4 – Vista interna do Galpão da ACMR.	19
Figura 5 – Deslocamento em desenho - Artista desconhecido.	27
Figura 6 – Migrantes no Brasil entre os anos de 2010 e 2018 por predominância de nacionalidade.	31
Figura 7 – Porcentagem de migrantes de longo termo por região	31
Figura 8 – A Terceira Margem do Rio	46
Figura 9 – “Prensadão” – material para triagem	57
Figura 10 – Principais dificuldades enfrentadas por migrantes no Brasil	60

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Dados comparativos - Aspectos Demográficos	33
Quadro 2 – Dados comparativos - Indicadores Sociais	33
Quadro 3 – Dados comparativos – Educação	33
Quadro 4 – Dados comparativos – Economia	34
Quadro 5 – Escolaridade dos migrantes	53
Quadro 6 – Atividades laborais dos migrantes	58
Quadro 7 – Relação dos migrantes com a língua portuguesa	61

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1. Diário de uma aprendiz: a trajetória em campo de uma pesquisadora em (des)construção	13
1.1.1. A ACMR, a inserção no campo e o período de observação	15
1.1.2. Reconfiguração do objeto de pesquisa: o contato com os imigrantes	23
1.2. Objetivos e Metodologia da pesquisa	25
2. O FENÔMENO DA MIGRAÇÃO	27
2.1. Aspectos teóricos: um breve histórico sobre Migrações Internacionais no Brasil	29
2.2. Brasil, Haiti e República Dominicana: alguns dados comparativos	32
3. OS MIGRANTES DA PESQUISA: QUEM SÃO?	35
3.1. Encontros de narrativas: memória, questionários e <i>entre-vistas</i>	35
3.2. Os perfis dos migrantes:	42
3.2.1. Entrevistada 1	42
3.2.2. Entrevistada 2	44
3.2.3. Entrevistada 3	44
3.2.4. Entrevistada 4	44
3.2.5. Entrevistado 5	45
3.2.6. Entrevistado 6	45
4. VIDAS EM ENTRELUGARES: O SER MIGRANTE	45
4.1. Esperanças de um futuro melhor: Motivações das chegadas e partidas	48
4.2. Educação e Migração: Trajetórias formativas dos sujeitos da pesquisa	52
4.3. “Não trabalho por gosto. É necessidade”: O cotidiano e as condições de trabalho dos migrantes	56
4.4. “O Brasil não é casa” -- Os desafios dos migrantes no processo de Integração Social	60
4.5. Sonhos não envelhecem? As expectativas e perspectivas futuras dos migrantes da pesquisa	64

5. O SUJEITO MIGRANTE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: QUAL É “A PARTE QUE TE CABE”?	66
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICE A - Termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido para Entrevista	77
APÊNDICE B - Modelo questionário em português e francês	79
APÊNDICE C - Roteiro de entrevista semiestruturada	87

1. INTRODUÇÃO

1.1. Diário de uma aprendiz: a trajetória em campo de uma pesquisadora em (des)construção

“Escrever é cheio de casca e de pérola”, dizia o poeta Manoel de Barros. É exatamente esse o meu sentimento em relação à escrita¹ deste trabalho, cujo processo de construção tem sido um caminho de erros e acertos, casca e pérola, prazer e desassossego. Tudo isso misturado às angústias desse tempo pandêmico e de isolamento, mas também às alegrias dos afetos que, mesmo de longe, fazem-se presentes. Na introdução deste trabalho pretendo apresentar brevemente minha trajetória no campo de pesquisa. Serão abordadas aqui a experiência de inserção e percurso em campo, o processo de escolha do objeto, bem como os objetivos e metodologia do estudo.

Antes de iniciar todo o processo de pesquisa e definir ao certo o objeto a ser pesquisado, já havia em mim o desejo pela pesquisa de campo e de cunho sociológico. O desafio de ir a campo e pesquisar um objeto — que para além de objeto de pesquisa é também sujeito, ou melhor, sujeitos, únicos e complexos, os quais se constituem nas relações sociais — já me intrigava e despertava grande interesse. Segundo Paugam (2015), a escolha da temática de pesquisa jamais é neutra ou “anódina”. É muito recorrente que pesquisadores manifestem interesses pelos estudos nas áreas com as quais, em alguma medida, possuem uma relação de proximidade ou identificação. As vivências, as memórias afetivas e até mesmo as angústias experienciadas ao longo da vida costumam acompanhar o pesquisador em sua trajetória de pesquisa. No entanto, o autor nos revela que há na relação pesquisador/objeto uma problemática de identificação sobre a qual é necessário ficarmos atentos.

Importa, enquanto pesquisadores, desenvolvermos um certo distanciamento do objeto a ser estudado, para que não caiamos na armadilha de tecer uma análise espontânea, e não científica. Para Bourdieu (1992), revela-se árduo o exercício de distanciar-se de si mesmo perante o objeto. Porém, este é um exercício necessário: romper, em certa medida, com as “prenoções”², decorrentes das experiências pessoais, a fim de que a pesquisa seja construída

¹ Cabe dizer que este texto em alguns momentos específicos é escrito na primeira pessoa do singular por se tratar de vivências essencialmente minhas. Todo o restante é escrito na primeira pessoa do plural porque entendemos tratar-se de um trabalho construído coletivamente com as orientadoras e em diálogo com os autores de embasamento teórico.

² A noção de vigilância epistemológica de Bourdieu é bastante enfatizada por Serge Paugam na obra “A Pesquisa Sociológica” (2015).

sob um olhar científico, e não a partir de projeções da realidade em que vivem os pesquisadores (BOURDIEU, 1992).

Minha escolha, no entanto, não partiu de uma realidade da qual eu vim ou com a qual diretamente me identifico, pois não sou uma migrante internacional. E antes de chegar à temática de migração, meu interesse de estudo, a princípio, caminhava pela temática da pobreza e essa também não é uma realidade da qual faço parte. Confesso que não sei dizer, ao certo, o porquê do meu desejo de estudar tais fenômenos. Talvez pelo mesmo motivo pelo qual escolhi cursar pedagogia: um certo inconformismo ou indignação perante a realidade do mundo e as injustiças sociais. Os mecanismos que produzem e reproduzem as mais diversas desigualdades há muito têm gerado em mim inquietação, desconforto, curiosidade e desejo de investigação. As disciplinas do curso de Pedagogia que abordam, de certa forma, essa temática foram aquelas com as quais mais me identifiquei no decorrer da graduação. Assim, e motivada pela leitura do livro “A ralé brasileira” (2017) do sociólogo Jessé Souza, minha ideia inicial para o trabalho de conclusão do curso era tentar compreender como os sujeitos das camadas mais pobres, diante da condição de marginalidade nos processos civilizatórios dominantes, constituem seus saberes, formam-se e se reconhecem, além de refletir sobre as desigualdades que permeiam o sistema educacional brasileiro. Logo que começamos a discutir a respeito de possíveis projetos de pesquisa em sala de aula, comecei a pensar sobre uma temática nesse sentido. Procurei, então, pelo professor Santiago Pich³, que gentilmente acolheu a ideia e me ajudou com a formulação do antigo objeto. Para me auxiliar na fase empírica da pesquisa, ele me apresentou à Gabriela Couto⁴, doutoranda que veio a ser, posteriormente, minha coorientadora nesta pesquisa. Foi ela quem mediou a minha inserção na Associação de Coletores de Materiais Recicláveis (ACMR), cuja abordagem faremos no tópico seguinte, e tem me orientado, juntamente com a professora Ione Ribeiro Valle⁵, na construção deste trabalho. Deu-se início, então, no começo de 2019, minha jornada no campo de pesquisa. Um processo lento, gradativo e cheio de emoções e desafios.

³ Professor Doutor do Departamento de Estudos Especializados em Educação (EED) da Universidade Federal de Santa Catarina. Foi quem ministrou a disciplina Educação e Sociedade II à minha turma no Curso de Pedagogia.

⁴ Doutora pela Universidade Federal de Santa Catarina. Desenvolveu sua tese de doutorado a partir da pesquisa de campo na ACMR, pesquisando as trajetórias sociais de catadores(as) de materiais recicláveis. A proximidade das nossas pesquisas e interesses proporcionou outros trabalhos e parcerias.

⁵ Professora Doutora em Ciências da Educação pela Université René Descartes - Paris V Sorbonne. Coordena atualmente o Grupo de Pesquisa Ensino e Formação de Educadores em Santa Catarina - GPEFESC/CNPq e o Laboratório de Pesquisas Sociológicas Pierre Bourdieu (LAPSB/CNPq). É a minha orientadora nesta pesquisa.

1.1.1. A Associação de coletores de materiais recicláveis (ACMR), a inserção no campo e o período de observação

Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: faz de conta que estou sonhando.

Ah, comigo o mundo vai modificar-se. Não gosto do mundo como ele é.

(Carolina Maria de Jesus)

Figura 1: A escritora Carolina Maria de Jesus, catadora na época, e seus filhos, em 1955.



Fonte: site do Instituto Nenuca de Desenvolvimento Sustentável.
Acesso em setembro de 2020.

A Associação de Coletores de Materiais Recicláveis (ACMR)

A Associação de Coletores de Materiais Recicláveis se intitula como sendo uma “instituição privada autossustentável”, de pouca intervenção do setor público, cuja missão é “atender as reivindicações dos associados, com a geração de emprego e renda, lutar pelo bem-estar, e atender as demandas do município, com a preservação e a destinação ambiental correta” (UNISOL BRASIL; ABIPEHC, 2018, p. 17). Segundo Couto (2020), a ACMR “funciona em espaço cedido pela Prefeitura Municipal de Florianópolis sob contrato de permissão de uso gratuito cedido pela Autarquia Melhoramentos da Capital, conhecida popularmente como COMCAP” e é hoje a instituição responsável por receber e dar um destino correto a cerca de 60% dos resíduos recicláveis secos em Florianópolis/SC (COUTO, 2020).

Figura 2. Inauguração da ampliação do galpão da ACMR (abril de 2014)



Fonte: Autarquia Melhoramentos da Capital (COMCAP)
Acesso em setembro de 2020

Fundada em 1999, a ACMR tem em sua origem o processo migratório de trabalhadores do ramo de erva-mate em Chapecó, situada na região oeste de Santa Catarina, para a capital do Estado. Em busca de melhores condições de vida, a família Rodrigues dos Santos, em meados dos anos 1990, chega a Florianópolis e inicia, então, as atividades de coleta de papelão como fonte de renda e sustento. Catar papelão pelas ruas do centro de Florianópolis, com o auxílio de carroças improvisadas, tornou-se uma prática muito comum na época, uma vez que as pautas sobre sustentabilidade e reciclagem estavam começando a ganhar evidência.

Assim, dada a possibilidade de extrair renda com a reciclagem, o número de “carroceiros” nas ruas da cidade foi crescendo consideravelmente, levando o poder público a intervir na organização do trabalho, retirando as pessoas das ruas e realocando-as em outros espaços (COUTO, 2020). Foi a partir desse processo que a Associação foi, gradativamente, ganhando forma. É importante ressaltar, no entanto, que a intervenção do Estado no trabalho dos catadores não se deu por responsabilidade social ou por preocupação com as precárias condições de trabalho das pessoas. Para Couto (2020), a ação da prefeitura de Florianópolis foi motivada por pressão de parcela da sociedade, incomodada com a presença dos catadores e seus carrinhos pelas ruas e calçadas. Trata-se, portanto, de uma política higienista, cujo objetivo é eliminar os sujeitos empobrecidos do centro da cidade.

Cabe salientar, ainda, que medidas sanitaristas como essa no centro de Florianópolis não são casos isolados, mas fazem parte de um processo histórico de segregação

social, e também espacial, desde meados do século XIX. Florianópolis, antiga Desterro⁶, já foi um território isolado e pacato, cujo contexto principal dos modos de vida de seus habitantes se baseava na subsistência. Posteriormente, e com o avanço da economia capitalista, a navegação forneceu à cidade possibilidade de desenvolvimento e ascensão do comércio, conferindo à classe burguesa maior poder político e social (SANTOS, 2009). Assim, a nova Desterro, atravessada pelo período de modernização, passa por intensas reconfigurações urbanas. A área central da cidade é tomada pelo comércio e a nova elite em ascensão, inspirada pelos ideais modernistas em evidência, implanta uma série de políticas sanitaristas, com o intuito de “eliminar” a população negra e pobre do centro da cidade (SANTOS, 2009). Foi esse processo que desencadeou ocupações nos morros de Florianópolis, persistindo a lógica operante de segregação da população pobre nos centros da Capital também nos dias atuais.

Diante dessa conjuntura, e com a migração dos catadores da rua para um novo espaço, o trabalho em família com a reciclagem foi se reconfigurando e crescendo, transformando-se, mais tarde, na ACMR Florianópolis, um dos empreendimentos de separação de materiais recicláveis de maior produtividade e rentabilidade do sul do País, a qual é composta nos dias atuais por 75 associados (COUTO, 2020). Importa dizer que a relação familiar no trabalho, trazida da experiência com a catação de erva-mate, é ainda hoje muito presente e significativa na Associação, visto que grande parte dos associados pertence à família Rodrigues dos Santos. A triagem de resíduos secos é um trabalho que vem sendo passado de geração a geração por esses sujeitos. São integrantes dessa família, também, os que ocupam os cargos de gestão da instituição, membros da Diretoria e do Conselho Fiscal, os quais são eleitos pelos associados a cada dois anos.

⁶ Florianópolis, até o ano de 1894, se chamava Nossa Senhora do Desterro. Com a Revolução Federalista (1893-1895), Santa Catarina foi alvo de inúmeros conflitos de disputa entre os federalistas (maragatos) e republicanos (pica-paus) e, nesse contexto, Desterro foi tomada pelas tropas aliadas do Marechal Floriano Peixoto, presidente da época. Em 1984 o nome da cidade foi rebatizado em homenagem a esse oficial.

A inserção no campo e o período de observação

Olhar a opressão perto dos oprimidos, perto o bastante para estimar o que se vê do lugar deles. Estimar o que os outros veem nunca será coincidir com os olhos deles. A compreensão mais segura sempre vai depender de ouvi-los. Não pede adesão irrefletida às opiniões do oprimido, mas alguma passagem para o lugar onde forma suas opiniões. Desde então, pede para dali formar minhas opiniões, dali desse lugar que não é o meu, não é o lugar do outro, mas um lugar intermediário, feito de quem saiu do seu e foi sentar-se em lugar estranho, ao lado de um nativo. Sentar-se ao lado traz conversa entre cidadãos e o gosto pela opinião dos outros. E o fim da conversa é o começo de outras. Nem sempre os nativos, para falar, precisam que nos sentemos ao lado deles: mas nós, para ouvi-los, precisamos sempre.

(GONÇALVES FILHO apud COUTO,2020)

Minha primeira visita à ACMR foi em janeiro de 2019, em um dos dias mais quentes daquele ano. Acompanhada pela Gabriela, fui apresentada ao Volmir, presidente da ACMR, que muito gentilmente, e timidamente, recebeu-nos e apresentou o espaço, já pedindo desculpas pelo cheiro característico, acentuado pelo calor exacerbado daquele dia específico. Fizemos um *tour* pela Associação e ele nos contou brevemente sobre como o trabalho é ali desenvolvido. A presença da Gabriela nessa primeira visita foi de suma importância, visto que já era por eles conhecida e muito querida. Estar acompanhada de alguém “de confiança” foi o que, certamente, facilitou a minha inserção. Conversamos, então, por um tempo e expliquei resumidamente minhas intenções em relação à pesquisa e as razões do meu interesse pelo trabalho desenvolvido na Associação. relatei sobre meu contato e amizade com trabalhadores da

reciclagem do antigo aterro de Jardim Gramacho⁷, o que creio ter contribuído, também, para a quebra de possíveis barreiras de estranhamento ou desconfiança. Assim, fui aceita no campo. Saí dessa primeira visita bastante ansiosa, tentando mensurar os desafios que estavam à minha espera. Mas também animada e otimista, cheia de expectativas para a produção desta pesquisa. Desse modo, a partir de maio de 2019, uma vez por semana, dei início ao período de observação.

Figura 3. Vista externa do Galpão da ACMR



Fonte: Acervo da ACMR - Acesso em setembro de 2020

Figura 4. Vista interna do Galpão da ACMR



Fonte: Acervo da ACMR - Acesso em setembro de 2020

⁷Bairro de Duque de Caxias, no Estado do Rio de Janeiro, onde funcionava o maior aterro da América Latina, hoje desativado. Por ter amigos envolvidos em projetos sociais da comunidade, especialmente no âmbito da saúde, tive a oportunidade de acompanhá-los em várias ações no decorrer dos últimos anos, o que me possibilitou conhecer uma parte do bairro de Jardim Gramacho, bem como seus habitantes.

Como estratégia de inserção no campo, sugerimos aos gestores da ACMR que nos dias em que lá estivesse (todas as terças-feiras pela manhã) eu trabalhasse voluntariamente ajudando com algumas demandas administrativas da Associação, como a atualização dos cadastros dos associados, por exemplo. Pensamos que esse seria um meio propício de me “familiarizar” com o espaço e com as pessoas que nele estão inseridas pois, como nos aponta Meksenas (2002), na pesquisa de método etnográfico se faz necessário que a observação seja participante, já que “não é possível conhecer sem estabelecer interações com a realidade investigada”. Assim, me adentrar, ainda que minimamente, na rotina de trabalho da ACMR foi o primeiro objetivo do trabalho em campo. Confesso que esse processo foi muito desafiador e, muitas vezes, angustiante. No início eu não sabia muito bem identificar o objeto-problema da minha pesquisa e me sentia um tanto quanto perdida naquele espaço. Qual o ponto de partida? Como observar? Onde me posicionar? Como e para quem olhar? Devo falar ou somente ouvir? Observar ou interagir? Quais os meus limites? O que, de fato, estou fazendo aqui? Questões como essas frequentemente me interpelam em relação ao meu lugar na instância de interação pesquisadora e sujeito pesquisado.

O período de observação foi marcado também, em certa medida, por um desagradável e inevitável sentimento de “intrusão” para com o campo e a vida das pessoas presentes no mesmo, pois, embora aceita e bem tratada pelos gestores da instituição desde o primeiro dia, houve momentos em que senti que a minha presença nos espaços da ACMR não era bem-vinda ou agradável a todos os associados. Alguns passavam por mim desconfiados e aparentemente incomodados. Outros, tampouco me olhavam. Mas a maioria acolheu muito bem a minha presença e me sinto grata e feliz por ter conseguido estabelecer vínculos de afeto e confiança nessa experiência de pesquisa.

Um outro desafio com o qual me deparei no período de observação diz respeito à expressiva rotatividade de trabalhadores na instituição. Enquanto os membros da família Rodrigues dos Santos permanecem por gerações no trabalho com a reciclagem, muitos dos novos associados não se estabelecem. E, pelo meu olhar, esse poderia ser um ponto de dificuldade para o andamento da pesquisa. A cada semana que eu chegava à Associação, havia novos trabalhadores nas mesas de triagem e muitos dos que conheci já tinham ido embora. Questionei as razões dessa rotatividade aos associados mais antigos e um deles me respondeu: “Ah! não é qualquer pessoa que aguenta ficar aqui. É puxado”. Já outro associado me apresentou a seguinte hipótese: “tem gente que nasceu foi pra trabalhar de carteira assinada. Aqui é outra coisa. Então, não adianta, não fica”. As relações de trabalho na ACMR, muitas vezes permeadas por conflitos, me chamaram a atenção desde o início. E não somente as

relações entre os agentes sociais, mas também as condições de trabalho envolvidas no processo. Essas questões, no entanto, serão abordadas no decorrer do tópico 4.

A estratégia de atualizar os cadastros me possibilitou ouvir inúmeros relatos e conhecer histórias sobre a vida de alguns associados. Eu os chamava, um por um, no escritório da ACMR, a fim de colher alguns dados importantes para a Associação. Aproveitava o ensejo para colher, também, dados que pudessem ser interessantes para a pesquisa, como a escolarização/relação com os estudos, escolarização dos filhos, entre outros. Sozinhos no escritório, as conversas fluíam e as relações alcançavam outra dimensão. Sozinhos no escritório me foram confiados desabafos e relatos muito pessoais, com os quais profundamente me sensibilizo. Lembro-me de uma manhã em que atualizei o cadastro de duas mulheres na ACMR. Mulheres com histórias de vida únicas e individuais, mas que carregam elementos comuns e coletivos. Ao questioná-las sobre a escolaridade, elas me contaram que pararam de estudar muito jovens porque se casaram. E que se casaram muito jovens justamente para se “livrarem” do pai. Perguntei se elas gostariam de retomar os estudos algum dia e ambas responderam que sim, mas que consideram essa “missão” impossível, diante da realidade de vida que possuem.

“Parei de estudar na 6ª série e tenho muita dificuldade de escrita. Casei com 15 anos para sair de casa. O pai era muito ruim, batia muito na gente e na mãe. Tem um dia que eu não esqueço. Se eu chegasse tarde da escola, ele ficava bravo e batia. Então, quando acabava a aula, eu ia correndo para casa. Um dia eu me distraí na estrada com um carneirinho e acabei demorando. Cheguei em casa e apanhei tanto, mas tanto. Olha as marcas - mostrando-me os braços - tenho até hoje. [...] Não dá para voltar a estudar. Impossível. Minha vida é difícil, minha filha. Meu marido foi embora, tenho uma mãe doente, um filho com esquizofrenia e o mais novo morreu atropelado. Tem dia que dá vontade de desistir da vida. Todo dia eu penso”. (V. 48 anos)

“Larguei os estudos na 4ª série porque casei. Ou estuda ou casa. Casei para sair de casa e me livrar do pai, mas arranjei um traste pior. Até queria voltar a estudar, mas ele não deixa. Ele enche de porrada. Já quase me matou três vezes, ué. Já até avisei meus meninos que se eu morrer o culpado é ele”. (R. 43 anos)

Esses são dois depoimentos que ouvi em uma mesma manhã e que refletem e representam a condição de muitas mulheres no Brasil, vítimas da violência masculina, física ou “simbólica”⁸, pelos termos de Bourdieu, e de uma estrutura de sociedade pautada e construída a partir da dominação do homem sobre a mulher. Segundo o painel de violência contra mulheres do Senado Federal, são registrados, no âmbito do judiciário, todos os anos, cerca de 500.000 processos relativos à violência doméstica e familiar no Brasil. No entanto, a mesma fonte reconhece que o levantamento de dados referentes à violência doméstica é insuficiente e de difícil mensuração. Embora não exista precisão nos dados, estima-se, de acordo com estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2019) que, a cada ano, cerca de 1,3 milhão de mulheres são agredidas no País. Isso nos faz refletir sobre o quanto ainda precisamos avançar, enquanto sociedade, nas questões e relações de gênero no Brasil.

Presenciar os olhares dessas mulheres, visivelmente cansados, enquanto ouvia seus relatos, marcaram-me sobremaneira. Essa experiência me fez refletir, também, sobre o meu lugar nessas relações. E aqui entra mais uma vez o gigantesco desafio inerente ao pesquisador, qual seja o de se atentar aos limites das interações e preservar o “distanciamento crítico” (MEKSENAS, 2002) em relação ao objeto. Como, porém, manter o “distanciamento” em situações assim? Como posso preservar o “estranhamento” (MEKSENAS, 2002) tão fundamental na pesquisa sociológica, sem, contudo, abandonar a sensibilidade humana e me solidarizar com a dor do interlocutor na pesquisa? Ou seja, faz-se necessário, constantemente, pensar e refletir sobre o papel do pesquisador no campo. Importa reconhecer nosso lugar de escuta, e uma escuta atenta e generosa, sem deixar de lado a busca pela compreensão dos fenômenos sociais e a conduta ética e respeitosa para com os sujeitos da pesquisa.

⁸ Violência simbólica é um conceito do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Diz respeito a uma forma de violência em que não há coerção física e que pode ocorrer de maneira sutil, despercebida e até mesmo naturalizada. Um tipo de violência que decorre das relações assimétricas, num processo de dominação, o qual muitas vezes não se mostra evidente ou de consciência de quem pratica ou sofre a violência.

1.1.2. Reconfiguração do objeto de pesquisa: o contato com os migrantes

E, na infinita possibilidade de lugares, na infinita possibilidade de tempos, nossos tempos e nossos lugares coincidiram. E deu-se o encontro.

Rubem Alves (1933-2014).

No decorrer das semanas em campo, circulando pelos espaços da Associação, ainda sem conseguir delimitar ao certo o recorte do objeto da pesquisa, meus olhos se atentaram mais especificamente a um grupo de pessoas: os migrantes. No período de realização da pesquisa em campo, havia 10⁹ migrantes trabalhando na ACMR, sendo a maioria haitianos. E, à medida que investigava os sujeitos no âmbito das interações, percebi que, na ACMR, essas pessoas estão à margem de muito do que acontece na instituição. Certa vez presenciei uma reunião em que os gestores da Associação fecharam parceria com uma empresa de seguros, de forma que os associados passaram a ter direito a seguro de vida por um custo mensal relativamente baixo. O mesmo benefício, todavia, não foi assegurado para os sujeitos migrantes, por não possuírem documentação brasileira (CPF). Essa e outras situações envolvendo-os foram chamando a minha atenção.

Um outro episódio que contribuiu fortemente para a reconfiguração do objeto foi que, em dado momento do período de observação, as assistentes sociais que trabalham voluntariamente na ACMR precisaram de alguns dados específicos dos associados, até então não documentados, e eu me disponibilizei a recolhê-los. Pensei que essa seria uma ótima oportunidade de me aproximar um pouco mais do grupo, de forma a contribuir com a pesquisa. Gabriela gentilmente se prontificou a me acompanhar no processo de coleta e isso foi fundamental, não apenas pelo apoio e segurança que a sua presença me passa, amenizando a ansiedade dessa iniciante pesquisadora que vos fala, mas, especialmente, por ela ter sido, naquele momento, uma facilitadora na comunicação com os associados, visto que nem todos os migrantes em questão falam e compreendem a língua portuguesa. Com esses, comunicamo-nos em francês e a Gabriela, muito mais familiarizada com a língua do que eu, mediou e facilitou esse processo.

Fomos, então, de mesa em mesa com prancheta em mãos, “entrevistar” cada um dos quase 70 associados. Importa dizer que, para além da coleta de dados formais, nosso intuito ali

⁹ Atualmente o número de migrantes trabalhando na associação é expressivamente maior, visto que, no início de 2020, a ACMR recebeu um novo grupo.

era conhecer um pouco mais sobre as histórias e trajetórias dos trabalhadores e exercitar uma prática de escuta. Separamos duas tardes para isso. Com algumas pessoas, conversamos horas a fio. Já outros não nos deram tanta abertura, permanecendo concentrados no trabalho. Desses, só recolhemos os dados mais básicos, a fim de não lhes causar incômodo.

Foi nesse momento, portanto, que conheci o grupo de migrantes da Associação. Nos dias em que nos propusemos a “entrevistá-los”, ouvimos histórias que muito nos mobilizaram. Conosco foram compartilhados relatos sobre pertencimento e não pertencimento, sonhos e frustrações, saudade e identidade. Depoimentos que, pelas palavras de Bourdieu (2012), eles “nos confiaram a propósito de sua existência e de sua dificuldade de viver”. Saímos da ACMR nesse dia profundamente tocadas e sensibilizadas. Lembro-me de olhar para a Gabriela, na saída do campo, e dizer: “Vamos mudar tudo?”. Ela sorriu, como quem queria dizer o mesmo. E voltamos animadas para as nossas casas, conversando durante todo o trajeto sobre as possibilidades de pesquisa desse novo objeto.

De acordo com Duarte (2002), o processo de definição do objeto de pesquisa, assim como também a escolha da abordagem metodológica, é “tão importante para o pesquisador quanto o texto que ele elabora ao final”. Dalmolin, Lopes e Vasconcellos (2002, p.21) acrescentam, ainda, que esse é um caminho que não ocorre aleatoriamente, nem de forma linear. Assim:

Deixar-se envolver por esta perspectiva não é perder o rumo, mas abrir-se para novas possibilidades de conhecimento do objeto de pesquisa. Ao deixá-lo "falar" ele pode nos conduzir a procedimentos diversificados e mais abrangentes antes não pensados. É o que nos parece ocorrer com a abordagem etnográfica.

Desse modo se deu minha experiência em relação à escolha do objeto. Assim como toda a trajetória desta pesquisa, um caminho não linear, de erros e acertos, vem sendo percorrido. E essa construção do objeto se deu a partir de um processo de interação com o campo e com os sujeitos do campo. Foi como se o próprio campo, vivo e dinâmico, me apresentasse o objeto, ou me abrisse caminhos para descobri-lo. E isso se deu a partir da possibilidade de encontro com o outro. Encontro esse que não ocorreu de imediato, nem rapidamente.

1.2. Objetivos e Metodologia da pesquisa

Objetivos

O objetivo deste estudo consiste em buscar compreender como os integrantes de um grupo específico - homens e mulheres migrantes, oriundos do Haiti e República Dominicana, trabalhadores na reciclagem na cidade de Florianópolis - percebem e dão sentido às suas experiências migratórias. Buscamos, nesse sentido, compreender as estratégias com as quais esses sujeitos operam para sobreviver, existir e resistir no Brasil, mais especificamente em Florianópolis, e, principalmente, no contexto de trabalho na ACMR.

Interessa-nos, portanto, conhecer:

- As motivações pelas quais o grupo decidiu (ou foi levado) a migrar;
- O grau de escolaridade dos sujeitos, bem como possíveis desejos de retomada e avanço dos estudos;
- As condições de trabalho na ACMR e como o grupo se relaciona com esse trabalho;
- Os desafios por eles enfrentados na inserção em uma outra cultura e nos processos de integração;
- e, por fim, as expectativas e perspectivas futuras dos migrantes da pesquisa (voltar ou permanecer?)

Desse modo, buscamos, também, contribuir para a produção de conhecimento no âmbito das Ciências Sociais e na Educação, sobretudo no tocante à problemática das migrações, ao refletir sobre o lugar que o sujeito migrante ocupa na Educação Brasileira, bem como a relevância de pesquisar tais fenômenos no curso de Pedagogia.

Metodologia

A metodologia deste estudo consiste na pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, cujo método para a compreensão dos fenômenos se dá a partir do encontro, do olhar compreensivo e da escuta atenta para com o outro. De acordo com Magnani (2009, p.145):

A etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas

próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente.

Na pesquisa de cunho etnográfico, portanto, o que se propõe é um exercício de “olhar de perto e de dentro, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais” (MAGNANI, 2009). E esse não me parece um exercício fácil. Como, porém, “compreender o outro por ele mesmo e não pelo que o pesquisador pensa a seu respeito”? (MEKSENAS, 2002).

Para Margalef (2012), na pesquisa etnográfica, a interação entre os sujeitos não se configura como uma relação de pares, visto que se trata de “instâncias de interação entre atores sociais com papéis muito diferentes, com grupos sociais diversos de referência e de influência e com histórias de vida completamente distintas”. E, como em todo processo de interação, pode haver, pelos termos de Bourdieu (1997), uma “dissimetria” nas relações sociais que precisam, necessariamente, ser consideradas no momento da análise das conversas informais e entrevistas realizadas na pesquisa. Para Bourdieu (1997, p.694):

Ainda que a relação de pesquisa se distinga da maioria das trocas da existência comum, já que tem por fim o mero conhecimento, ela continua, apesar de tudo, uma *relação social* que exerce efeitos (variáveis segundo os diferentes parâmetros que a podem afetar) sobre os resultados obtidos. [...] não se pode confiar somente na boa vontade, porque todo tipo de distorções estão inscritas na própria estrutura da relação de pesquisa. Estas distorções devem ser conhecidas e dominadas.

O autor nos revela, ainda, que somente uma “reflexividade reflexiva”, baseada no “olhar sociológico” e no que ele chama de “objetivação participante”, permite identificar e tentar controlar, no campo, os efeitos dessas distorções. E acrescenta: “Como pretender fazer ciência dos pressupostos sem se esforçar para conseguir uma ciência dos próprios pressupostos?” (BOURDIEU, 1997). Exercitar essa sociologia reflexiva, ainda muito pouco compreendida por mim nessa primeira pesquisa, tem sido um constante desafio e aprendizado, não apenas no trabalho em campo, mas agora, no trabalho pós-campo, analisando tudo o que no campo foi realizado. Os instrumentos e caminhos metodológicos em campo para a construção desta pesquisa foram os seguintes:

- 1) Período de observação, sobre o qual já falamos no início deste capítulo.
- 2) Aplicação de questionários a todos os integrantes do grupo e uma entrevista semiestruturada com a única integrante fluente em português do grupo. Abordaremos, pois, esses instrumentos metodológicos detalhadamente no tópico 3.

2. O FENÔMENO DA MIGRAÇÃO

*Cruzei por inteiro um vasto deserto
De ponta a ponta, sozinho, em silêncio
E do outro lado do mar de areia
Vi outro deserto pra minha surpresa
O mesmo cenário por dias e dias
O vento encobre meus rastros e trilhas
Carrego o fardo de andar sem sentido
Sem nunca saber nem rumo ou destino.*

(Os Arrais em Deserto)

Figura 5. Deslocamento em desenho - Artista desconhecido.



Fonte: Instituto Igarapé - Acesso em setembro de 2020

De acordo com Sayad (1998), é possível que haja uma única concordância na comunidade científica no que se refere ao fenômeno da Migração: a de que esse é um “fato social completo”. Segundo o autor, o fluxo migratório se configura, necessariamente, em um “itinerário epistemológico”, no qual há o cruzamento de diferentes áreas do conhecimento e pontos de encontro de disciplinas distintas. E isso abre caminhos para pensarmos os movimentos migratórios sob inúmeros ângulos, possibilitando objetos e estudos dos mais variados. E em que consiste esse fenômeno tão complexo? Para Sayad, o ato de migrar é, em primeiro lugar, o deslocamento de pessoas no espaço. Esse espaço, no entanto, não diz respeito unicamente a um espaço físico, ou geográfico, mas um “espaço qualificado em muitos sentidos”, podendo assumir caráter social, econômico, cultural e político. (SAYAD, 1998).

De acordo com o glossário da Organização Internacional para as Migrações (OIM), o termo Migração é compreendido como sendo “o deslocamento de pessoas para fora do seu local de origem, seja através de uma fronteira internacional ou dentro do próprio Estado” (tradução livre). Migrar é, portanto, o ato de deslocar-se. Voluntária ou involuntariamente, em massa ou individualmente, temporária ou definitivamente e pelos mais variados motivos, desejos ou necessidades. Trata-se, portanto, de um fenômeno de múltiplas facetas, o qual é derivado de experiências individuais e coletivas.

Segundo Oliveira (2011), os fluxos migratórios são impulsionados por fatores historicamente produzidos, resultantes de aspectos econômicos, sociais e políticos, e que revelam implicações profundas não apenas na vida do indivíduo que migra, mas, também, na sociedade da qual ele parte e naquela que o recebe. Dada a complexidade do fenômeno, no âmbito acadêmico muito se tem pesquisado, teórica e empiricamente, sobre os fluxos migratórios nacionais e internacionais. Sabemos, contudo, não se tratar de um fenômeno recente, mas milenar, visto que o ser humano sempre migrou. No entanto, assim como as sociedades passam por transformações no decorrer da História, as migrações também se transformam e se reconfiguram, exigindo, assim, novas abordagens e outros olhares.

De acordo com Margalef (2012), é difícil estabelecer com precisão quando iniciou a discussão sobre os deslocamentos migratórios no âmbito da Ciências Sociais. Segundo a autora, podemos identificar alguns estudos do século XIX, com autores clássicos da Sociologia, como Alexis de Tocqueville (1805-1859), Max Weber (1864-1920) e Georg Simmel (1858-1918). Ela discorre, ainda, que nessa época o termo (i)migrante não era tão usual na linguagem acadêmica como nos tempos atuais. O termo estrangeiro, por sua vez, permaneceu sob maior predominância nos estudos e pesquisas por longo período. Mas por que? Faz diferença? Para Ribas (2004), as terminologias jamais são neutras, e carregam muitos significados sociais. Segundo a autora, na Europa dos anos 1960, o termo imigrante fazia referência a trabalhadores provenientes de regiões e classes sociais empobrecidas. Já aos deslocamentos de sujeitos de classes e regiões mais ricas não era atribuída a mesma nomenclatura. Esses, por sua vez, entravam na categoria de “mobilidade profissional”. Atualmente, palavras como mobilidade, deslocamento, migração, emigração (saída) e imigração (entrada) são facilmente encontradas nas pesquisas acadêmicas e já não nos parece fazer distinção entre as classes. Para este estudo, contudo, utilizaremos o termo migração e migrante para fazer referência ao fenômeno e ao sujeito inserido no mesmo, sem fazer distinção entre emigrar/emigrante e imigrar/imigrante pois, em concordância com Margalef, entendemos que a Migração revela, em si mesma, um

estado de movimento, um ir e vir e “um permanente vir-a-ser do indivíduo” (MARGALEF, 2012).

Importa salientar, no entanto, que nossa proposta neste trabalho não é aprofundar a temática das Migrações, tampouco adentrar nas suas correntes de estudo. Nosso intuito aqui é conhecer como o grupo da pesquisa — homens e mulheres migrantes, trabalhadores na reciclagem em Florianópolis — vive e dá significado à experiência migratória. Consideramos relevante, entretanto, contextualizar brevemente as Migrações Internacionais no Brasil, além de apontar alguns dados comparativos entre Brasil, Haiti e República Dominicana, visto que esses dois últimos são os países de origem dos sujeitos desta pesquisa.

2.1. Aspectos teóricos: um breve histórico sobre Migrações Internacionais no Brasil

Sabemos que a trajetória do Brasil com o fenômeno da Migração Internacional nasce no período Pré-Colonial¹⁰, com a chegada dos portugueses em território brasileiro, seguida da ocupação e apropriação das terras e da colonização dos povos indígenas originários. Já no período Colonial,¹¹ além da migração lusitana, o Brasil é marcado, também, pelo fluxo migratório forçado de sujeitos de origem africana, submetidos à condição de escravos, que ao Brasil foram trazidos com o intuito de atuarem como força de trabalho. A História do Brasil é, portanto, constitutiva de processos migratórios. Todavia, de acordo com Paiva e Leite (2014), é a partir de 1870 que chega ao País um contingente maior de migrantes, principalmente provenientes de Portugal, Itália, Espanha, Alemanha e Japão, os quais no Brasil se estabeleceram nas diversas regiões.

Segundo Patarra e Fernandes (2011), estima-se que no período entre 1870 e 1930 o Brasil tenha recebido cerca de 40 milhões de migrantes. Esse foi um período de migrações em larga escala, processo por meio do qual ficamos conhecidos como sendo um “país de imigração”. Entretanto, a partir de 1930, em reflexo à crise mundial de 1929¹² e a consequente crise do café¹³ no Brasil, medidas restritivas à entrada de migrantes internacionais começaram

¹⁰Período que compreende os primeiros anos da chegada dos portugueses ao Brasil (1500-1530). Nesse período, o qual antecede as políticas de colonização portuguesa, dá-se início à extração do pau-brasil.

¹¹ Período entre 1530 e 1822, o qual compreende os processos de povoamento e colonização. Nesse período Portugal demarca territórios e instala uma administração colonial.

¹² A Crise de 1929, conhecida como “A Grande Depressão”, diz respeito a um período de intensa recessão econômica nos EUA, em virtude da quebra da Bolsa de Valores, a qual desencadeou profundos impactos econômicos, sociais e políticos a nível global.

¹³ Diante da crise mundial em 1929, o café, principal produto brasileiro de exportação da época, sofreu profunda desvalorização, ocasionando forte crise econômica.

a ser publicadas no País. Diante disso, os movimentos migratórios internacionais reduziram-se drasticamente e um novo movimento migratório ganha evidência nesse período: o deslocamento interno. (PATARRA E FERNANDES, 2011).

Na segunda metade do séc. XX, as migrações internacionais no Brasil permanecem baixas. Para os autores, em termos demográficos, esse foi um período em que se pode dizer que o País esteve “fechado às migrações”. No entanto, em meados dos anos 1980, um movimento inverso pode ser observado: o Brasil, que historicamente era considerado um receptor de migrantes, tem, nesse período, um grande contingente populacional migrando para o exterior, especialmente para os Estados Unidos, Japão e alguns países da Europa. É a partir dos anos 2000, então, que o País volta a atrair migrantes internacionais de todas as partes do mundo e os fluxos migratórios crescem novamente (PATARRA E FERNANDES, 2011).

Conforme o relatório de Estudos e Análises de Informação Demográfica e Socioeconômica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revela-se desafiador estimar o volume de entradas e saídas populacionais no Brasil, visto que parte significativa dos deslocamentos se constitui sem registro, de modo ilegal ou clandestino. A principal fonte de informação para os dados de migrantes que aqui residem são os Censos Demográficos do IBGE. É provável, entretanto, que os dados coletados não correspondam aos números reais, uma vez que, segundo o IBGE, muitos migrantes em situação ilegal tendem à omissão ou resistência na concessão de informações.

De acordo com o Censo Demográfico do IBGE do ano 2000, na amostra de população residente por nacionalidade, estima-se o número de 510.067 estrangeiros residindo no Brasil. Já no Censo de 2010, na mesma amostra, o número foi de 431.319. Segundo o Ministério da Justiça e Segurança Pública do Governo Federal (2019), entre os anos de 2010 e 2018 foram registrados aproximadamente 700 mil migrantes, sendo o grupo de maior predominância, nesse período, os migrantes de origem haitiana. A mesma fonte registra, no entanto, para o mesmo período, cerca de 492,7 mil migrantes de longo termo¹⁴ no Brasil — cuja predominância é também haitiana — os quais se encontram principalmente nas regiões Sudeste e Sul, conforme demonstram as figuras abaixo:

¹⁴ Migrantes de longo termo são aqueles que permanecem no país por um período superior a um ano.

Figura 6. Migrantes no Brasil entre os anos de 2010 e 2018 por predominância de nacionalidade.

Principais Nacionalidades: 2010 e 2018

1º Haitianos	5º Argentinos
2º Bolivianos	6º Chineses
3º Venezuelanos	7º Portugueses
4º Colombianos	8º Peruanos

Fonte: OBMigra - Relatório Anual (2019)

Figura 7. Porcentagem de migrantes de longo termo por região, no período entre 2011 e 2018

Número de registros para imigrantes de longo termo, por ano de entrada, segundo Unidade da Federação de Residência, Brasil, 2011-2018



Sudeste: 55,1%
São Paulo: 41,2%
Rio de Janeiro: 9,4%

Sul: 20,5%
Imigração bem distribuída
pelos três estados

Norte: 8,6%
Roraima: 4,3%
(em consequência da imigração
venezuelana).

Fonte: Elaborado pelo OBMigra a partir dos dados da Polícia Federal, SisMigra (2011-2018)

Fonte: OBMigra - Relatório Anual (2019)

Os sujeitos que protagonizam esta pesquisa são migrantes oriundos do Haiti e da República Dominicana, países vizinhos — cuja relação é historicamente marcada por disputas e inúmeros conflitos — os quais compõem hoje a ilha Hispaniola, localizada no Caribe. Na última década, o Brasil tem se revelado um destino de atração para milhares de migrantes haitianos. No entanto, pode-se inferir que a presença dominicana no País é bem mais baixa, uma vez que ela nem aparece descrita nos *rankings* de migrações internacionais aqui.

2.2. Brasil, Haiti e República Dominicana: alguns dados comparativos

A proposta deste tópico é apresentar, esquematicamente, alguns dados comparativos entre o Brasil, o Haiti e a República Dominicana, no que tange a aspectos demográficos, econômicos, sociais e políticos. Consideramos que o conhecimento de alguns desses dados é de extrema relevância para nos auxiliar na interpretação e compreensão de questões e particularidades acerca do fenômeno da Migração e dos migrantes da pesquisa. Acrescentamos que todos os dados descritos nos quadros abaixo foram coletados do site do IBGE e se referem ao ano de 2018, dado mais atual disponibilizado. Apenas os dados referentes à população total dos países são do ano de 2019.

BRASIL

Capital: Brasília

Extensão territorial: 8.510.295,914Km²

Localização: América do Sul

Idioma: Português

Moeda: Real



HAITI

Capital: Porto Príncipe

Extensão territorial: 27.750Km²

Localização: Caribe

Idioma: Crioulo e Francês

Moeda: Gourde



REPÚBLICA DOMINICANA

Capital: São Domingo

Extensão territorial: 48.670Km²

Localização: Caribe

Idioma: Espanhol

Moeda: Peso



Quadro 1 – Dados comparativos - Aspectos Demográficos

ASPECTOS DEMOGRÁFICOS	BRASIL	HAITI	REP. DOMINICANA
População total (habitantes)	211.049.519	11.263.079	10.738.957
População em área urbana (habitantes)	86,8	56,2	81,8
População em área rural (habitantes)	13,2	43,8	18,2
Taxa bruta de natalidade (por mil)	14,125	24,75	19,799
Taxa bruta de mortalidade (por mil)	6,378	8,638	6,12

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 2 – Dados comparativos - Indicadores Sociais

INDICADORES SOCIAIS	BRASIL	HAITI	REP. DOMINICANA
Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)	0,761	0,503	0,745
Esperança de vida ao nascer Em anos	75,7	63,7	73,9
População com acesso à água potável (%)	98,19	65,47	96,69
População com acesso à rede de esgoto (%)	88,29	34,7	83,89
Incidência de subnutrição (%)	< 2,5	49,3	9,5

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 3 – Dados comparativos - Educação

EDUCAÇÃO	BRASIL	HAITI	REP. DOMINICANA
Taxa bruta de matrículas para todos os níveis de ensino	90,84739	Dado não disponível	84,11054
Taxa de alfabetização de pessoas com 15 de idade ou mais. (%)	93,2275	61,6914	93,7785

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 4 – Dados comparativos - Economia

ECONOMIA	BRASIL	HAITI	REP. DOMINICANA
PIB per capita (US\$)	8.921	835	7.650
Investimento em Educação % do PIB	6,2	2,4	1,9
Investimento em Saúde % do PIB	3,965	0,953	2,823
Chegada de turistas	6.589.000	467.000	6.188.000

Fonte: Elaborado pela autora.

Frente aos dados obtidos, podemos observar que os índices da República Dominicana, em quase todos os aspectos, pouco destoam dos do Brasil. Já os índices do Haiti se apresentam consideravelmente piores em praticamente todos os aspectos analisados. Isso nos parece explicar os contrastes presentes nas motivações migratórias em relação aos haitianos e a única dominicana da pesquisa. Enquanto todos os sujeitos haitianos desta pesquisa migram para o Brasil em busca de melhores condições de vida e trabalho, a integrante dominicana chega aqui sob outras motivações. Essas questões, no entanto, serão abordadas mais adiante.

3. OS MIGRANTES DA PESQUISA: QUEM SÃO?

Conforme exposto no primeiro capítulo, quando iniciamos o trabalho em campo, havia 10 sujeitos migrantes trabalhando na ACMR. Todavia, no decorrer do período de observação, parte desse grupo foi embora repentinamente¹⁵, antes que pudéssemos conhecê-los mais intimamente. Desse modo, tornou-se possível a participação de somente seis pessoas nesta pesquisa.

Os caminhos metodológicos que trilhamos para o desenvolvimento deste estudo podem ser categorizados em três etapas. A primeira se refere ao período de observação — sobre o qual já falamos no início do trabalho — e do registro do observado em diário de campo. Escrever as minhas inquietações e impressões em relação ao campo potencializa minhas reflexões, além de servir de fonte para a construção deste texto final. A segunda parte da pesquisa diz respeito à coleta de dados mediante questionários e entrevistas. Já a terceira etapa trata da análise dos dados obtidos em campo e da construção do texto, que só se faz possível à medida que nos debruçamos nos estudos de embasamento teórico e revisitamos os registros e as memórias dos caminhos percorridos nesta trajetória.

A proposta deste capítulo é, portanto, apresentar como foi a experiência com a segunda etapa da pesquisa em relação aos instrumentos metodológicos utilizados na coleta de dados: os questionários e a entrevista. Pretendemos aqui, também, traçar os perfis dos seis integrantes que compõem o estudo.

3.1. Encontros de narrativas: memória, questionários e entrevistas

“Me arrumei e coloquei a minha melhor roupa porque ninguém deve ir de qualquer jeito a uma Universidade”

(Entrevistada 1)

A partir do encontro com os migrantes — já contextualizado no início do trabalho — a minha presença em campo ganhou novo sentido e significado. Eu já não me sentia tão perdida naquele espaço. O objeto foi, gradativamente, tornando-se mais claro para mim e, portanto, o foco e a direção do meu olhar também se elucidaram. A partir dos encontros e do contato

¹⁵ Os outros associados não souberam nos informar os motivos pelos quais esse grupo deixou a Associação. Infelizmente não conseguimos contatá-los.

progressivo com os migrantes, a pesquisa parecia começar a “ganhar forma” e isso foi me enchendo de ânimo.

No decorrer das semanas, continuei auxiliando nas tarefas administrativas da Associação, porém passei a transitar com maior frequência pelo pátio principal, onde o trabalho de triagem dos materiais é realizado. E nessas voltas pelo espaço eu parava constantemente para “jogar conversa fora” com os migrantes que falam e compreendem a língua portuguesa. Com os demais a comunicação infelizmente era limitada, uma vez que não falamos a mesma língua. Entretanto, as trocas de olhares, sorrisos e “bons-dias” se fizeram sempre presentes. A cada encontro nossas relações se estreitavam e os vínculos de confiança foram surgindo. Importa dizer que essas conversas informais foram fundamentais não apenas para a delimitação do recorte do objeto, mas serviram, também, como base e norte para pensarmos tudo o que faríamos (e de que modo faríamos) na pesquisa a partir de então.

Em outubro de 2019, após cinco meses de observação, decidimos que era o momento de avançar, visto que a relação pesquisadora e sujeitos pesquisados havia se fortalecido e um entrosamento maior com o grupo fora construído. Optamos, então, nessa segunda fase do estudo, por aplicar questionários a todos os migrantes presentes na Associação. Durante as conversas informais, já havíamos contado a eles sobre o desenvolvimento deste trabalho e nosso interesse em pesquisar o fenômeno das Migrações. Convidamo-los, assim, a participarem da pesquisa e, felizmente, todos aceitaram. Alguns reagiram ao convite de modo mais tímido e desconfiado, porém a ideia de contribuir com um estudo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) soou como sendo algo importante e positivo para a maioria.

Desse modo, além dos questionários, optamos, também, por realizar uma entrevista semiestruturada com uma única migrante. Para a escolha, no entanto, levamos em consideração dois aspectos: a familiaridade com a língua e a relação de proximidade com a pesquisadora. A entrevistada de escolha é a integrante do grupo que melhor fala e compreende o português, o que certamente facilitaria a comunicação na hora da entrevista. Além disso, ela é a associada de quem eu mais me aproximei no decorrer do percurso em campo e pensamos que essa reciprocidade faria toda a diferença para a realização de uma boa¹⁶ entrevista.

Segundo Blanchet e Gotman (1992), a relação de interação entre pesquisador e sujeito pesquisado tem papel decisivo no desenvolvimento da entrevista e das informações que nela são reveladas. Na mesma direção, Beaud e Weber (1998) consideram que o desenvolver de

¹⁶ Boa no sentido de uma entrevista rica em detalhes (que flui), num processo de interlocução no qual os dois sujeitos envolvidos (pesquisadora e pesquisado) sintam-se à vontade.

boas entrevistas está mais associado à relação de confiança entre os interlocutores do que a questões técnicas da entrevista em si, embora essas também sejam fundamentais e mereçam atenção. Desse modo, tivemos o cuidado de assegurar a construção prévia do vínculo de confiança, bem como manter um compromisso ético para com os entrevistados, deixando claro desde o princípio os objetivos da pesquisa e o destino de todas as informações concedidas.

Questionários e Entrevistas

Uma vez decididos os instrumentos metodológicos para a pesquisa, começamos a nos questionar sobre o quê explorar nos questionários e entrevista. Partimos do pressuposto de que o campo de pesquisa não é neutro (BOURDIEU, 1992). Logo, não há neutralidade, também, nos instrumentos metodológicos, na interlocução entre investigador e investigado, tampouco nas questões abordadas na pesquisa. Tanto o pesquisador, quanto o sujeito pesquisado, observa o autor, ouve e fala a partir de um lugar e de uma posição/condição social, em que padrões de pensamentos e comportamentos são socialmente estabelecidos. Por isso se faz tão necessária a vigilância epistemológica: para nos distanciarmos tanto quanto possível das prenoções e do *habitus* que nos constitui, a fim de que a prática de pesquisa seja verdadeiramente científica (BOURDIEU, 1992).

Supomos que outra razão para a não neutralidade da pesquisa seja o fato de que essa é dinâmica e atravessada por intencionalidades, as quais orientam ações (FREIRE, 1967). Nossa trajetória, desde o início, tem exigido tomadas de decisões, escolhas, renúncias, arranjos e rearranjos de prioridades e a construção de um caminho que, vez ou outra, faz-se necessário que seja revisitado e reconstruído. Assim, para a abordagem dos questionários priorizamos as seguintes questões:

- Dados gerais como idade, estado civil, cidade e país de origem;
- Informações sobre o processo migratório: ano de chegada ao Brasil, trajetória até chegar a Florianópolis, com quem migrou, motivações pelas quais migrou e se foi voluntária ou involuntariamente;
- Grau de escolaridade, tipo de instituição (pública ou privada) e possíveis desejos de retomada/avanço dos estudos;
- Trabalhos que desenvolveu no país de origem, trabalhos desenvolvidos no Brasil (antes da reciclagem), média salarial e perspectivas em relação ao trabalho;

- Principais dificuldades e desafios encontrados no Brasil (língua, condições de trabalho, racismo, xenofobia);
- Grau de satisfação em relação ao Brasil e perspectivas futuras (voltar ao país de origem ou permanecer aqui?).

Os questionários foram elaborados em português e, posteriormente, traduzidos¹⁷ para o francês, que é a língua comum¹⁸ de compreensão dos migrantes. Agendamos um dia e horário para aplicá-los e isso aconteceu na própria Associação. Gabriela, mais uma vez, se prontificou a me acompanhar e auxiliar no que fosse necessário, principalmente nas questões relacionadas ao idioma. Desse modo, dia 15 de outubro, numa manhã intensamente chuvosa, chegamos à ACMR para aplicar os questionários aos 6 migrantes da pesquisa. Os gestores da Associação nos cederam uma sala e preparamos um cafezinho com chocolate para recebê-los. Nosso desejo era que todos se sentissem o mais à vontade possível naquele ambiente. Assim, optamos por aplicar o questionário individualmente aos migrantes. Como eles estavam no local e horário de trabalho, pensamos que chamar um por vez afetaria menos o trabalho coletivo. Além disso, acreditávamos que sozinhos em sala eles pudessem se sentir mais confortáveis para expressar o que quisessem.

Chamamos, então, a primeira migrante e a convidamos a se assentar onde o questionário impresso e uma caneta já estavam posicionados sobre a mesa. No entanto, para a nossa surpresa, ela ficou parada, encarando o questionário como quem não soubesse o que fazer com ele. Pedimos para que respondesse por escrito, mas ela continuou imóvel e não o fez. Não sabemos se a participante não foi alfabetizada ou se não domina o francês sob a forma de linguagem escrita. Ou, ainda, se a maneira como elaboramos o questionário foi de difícil compreensão, visto que o francês não é a língua oficial de nenhum dos migrantes em questão. Tivemos, com isso, e ali, no improviso, que pensar em outra estratégia.

Sugerimos, então, que lêssemos as questões para que ela respondesse oralmente. Ela concordou e foi assim que procedemos com todos os outros migrantes. Para a comunicação com aqueles que não falam/compreendem o português, contamos com a tradução da Gabriela e de um dos migrantes da pesquisa que fala bem o português e se disponibilizou a nos ajudar

¹⁷ Agradeço imensamente à professora Ione e à Gabriela por me ajudarem com a tradução dos questionários para a língua francesa.

¹⁸ Embora a língua oficial do Haiti seja o crioulo haitiano, grande parte da população fala/compreende o francês. Já a migrante dominicana, cuja língua oficial é o espanhol, também fala/compreende a língua francesa.

com o idioma. Desse modo, experimentamos na prática o que dizem as palavras de Becker (1997) em epígrafe do texto de Zago na obra *Itinerários de Pesquisa* (2003):

Os sociólogos deveriam se sentir livres para inventar os métodos capazes de resolver os problemas das pesquisas que estão fazendo. É como mandar construir uma casa para si. Embora existam princípios gerais de construção, não há dois lugares iguais, não há dois arquitetos que trabalhem da mesma maneira e não há dois proprietários com as mesmas necessidades. Assim, as soluções para os problemas de construção têm sempre que ser improvisadas. Estas decisões não podem ignorar princípios gerais importantes, mas os princípios gerais em si não podem resolver os problemas desta construção.

O que planejamos para a pesquisa, no que se refere ao questionário, não saiu como esperávamos. Logo, tivemos que “readaptar o método”. Consideramos, no entanto, que esse foi um processo positivo, além de muito significativo, não apenas por nos ter tirado da zona de conforto, proporcionando novas aprendizagens e desafios, mas, especialmente, porque o “novo método” possibilitou extrair informações para além das questões já postas, tornando a investigação mais rica e detalhada. Assim, o questionário acabou se transformando em um roteiro de entrevista e das questões, antes enrijecidas, emergiram outras novas perguntas.

Readaptar o instrumento metodológico nos permitiu, também, observar algumas contradições entre os discursos dos participantes no momento da “entrevista” e as alternativas que escolheram assinalar em algumas questões. Por exemplo: durante a conversa, os participantes expuseram, em vários momentos, estarem, de certa forma, insatisfeitos com a vida no Brasil. No entanto, quando perguntamos qual alternativa eles desejavam assinalar na questão sobre o grau de satisfação com a vida aqui, todos responderam “satisfeito” ou “muito satisfeito”. Uma outra divergência que nos chamou a atenção diz respeito a questões sobre racismo e xenofobia. Cinco dos seis participantes responderam nunca ter sofrido qualquer tipo de preconceito no Brasil. Entretanto, foram recorrentes relatos sobre manifestações de racismo e xenofobia no decorrer das entrevistas. Segue um trecho da entrevista em que uma participante relata situação racista e xenofóbica a qual presenciou:

“Eu ouvi um comentário. Lá tem bastante macaquinho, não é? Na ACMR. Lá tem macaquinhos ali nas árvores. E a cozinheira tem o costume de dar de comer para os macaquinhos ali. Dá 11 horas mais ou menos o macaquinho se aproxima. Ele já sabe que vai vir comida. Aí vem um

monte. Meu Deus! Aí teve uma pessoa que um dia falou assim: “Ah! A fulana tá dando de comer aos macaquinhos. Agora falta dar de comer a los otros macaco”. Aí outra pessoa falou: “quem são los otros macaco?” E aí ele falou: “Os haitianos, esses malditos”. Fiquei quieta, não respondi e nem falei nada, sabe? Então o imigrante aqui em ACMR não é bem tratado. Se o imigrante fala que é bem tratado, é hipocrisia. Eu fico ali porque é um trabalho que eu preciso”. (Entrevistada 1)

A mesma migrante que relatou essa experiência respondeu no questionário não haver sofrido manifestações de racismo e xenofobia. Nossa hipótese para as contradições entre os discursos e as respostas aos questionários é a de que existe um certo receio da parte dos participantes em nos ofender. Pensamos que, por sermos brasileiras, o fato de responderem explicitamente estarem insatisfeitos com o Brasil e com o povo brasileiro poderia, pela concepção dos sujeitos pesquisados, soar ofensivo e desrespeitoso para conosco. Uma outra hipótese que temos, nesse caso, é de que talvez as situações de racismo e xenofobia sejam tão recorrentes que foram naturalizadas, de modo que eles não as reconheçam.

Em novembro de 2019, realizamos a entrevista semiestruturada com uma única migrante, abordando questões similares às dos questionários, porém com maior profundidade. No entanto, dessa vez decidimos por realizar a entrevista fora da ACMR. Pensamos que estando em outro ambiente a entrevistada poderia se sentir mais confortável e confiante para se expressar, visto que boa parte das questões abordadas dizem respeito ao trabalho desenvolvido na Associação. Optamos, então, por realizar a entrevista na UFSC¹⁹ e, chegado o dia, ao me encontrar com a entrevistada, tive uma bela surpresa. Ela já estava me esperando do lado de fora, bastante animada e toda produzida: com roupas formais, salto, penteado e maquiagem. Eu a elogiei e ela me respondeu: “*Me arrumei e coloquei a minha melhor roupa porque ninguém deve ir de qualquer jeito a uma Universidade*”. A seriedade e o entusiasmo com os quais a migrante tratou nossa pesquisa foi muito especial e gratificante. Acompanhá-la pelos espaços da UFSC e vê-la circular pelos ambientes da Universidade, feliz e empoderada, deu ainda mais sentido e vida a este trabalho.

¹⁹Agradeço à professora Ione e à equipe do grupo de pesquisa do Laboratório de Pesquisas Sociológicas Pierre Bourdieu (LAPSB) por nos cederem a sala para a entrevista.

A entrevista durou aproximadamente 99 minutos e o áudio foi gravado na íntegra e transcrito²⁰, mediante autorização²¹ prévia. O vínculo de confiança que estabelecemos com a entrevistada e a disponibilidade e o interesse dela em participar do estudo proporcionou-nos uma entrevista longa e de narrativa rica em detalhes. Construimos um roteiro²² para mediar e organizar a entrevista, porém ela foi guiada, na maior parte do tempo, pela espontaneidade da migrante que, ao narrar suas vivências, dando ela própria sentido às experiências, trouxe elementos condizentes com o que estamos estudando e outros que ainda não havíamos pensado para o roteiro, e que nos ajudam a desenvolver uma reflexão compreensiva sobre o fenômeno. Buscamos, com isso, praticar na interação da entrevista o que Bourdieu (1997, p. 695) chama de “escuta ativa e metódica”, a qual:

(...) associa a disponibilidade total em relação à pessoa interrogada, a submissão à singularidade de sua história particular, que pode conduzir, por uma espécie de mimetismo mais ou menos controlado, a adotar sua linguagem e a entrar em seus pontos de vistas, em seus sentimentos, em seus pensamentos, com a construção metódica, forte, do conhecimento das condições subjetivas, comuns a toda categoria.

Nossa pretensão na entrevista foi a de exercitar uma escuta atenta, de modo a priorizar sempre a sensibilidade e o respeito para com a migrante entrevistada, porém sem deixar de lado o resgate daquilo que consideramos relevante para o que estamos estudando e a busca pela compreensão dos fenômenos sociais. Nessa interlocução, foram-nos confiadas narrativas íntimas, fortes e, por vezes, doídas, de modo que nos emocionamos em vários momentos. E aqui, mais uma vez, o lugar (e o papel) do pesquisador na entrevista nos interpela. Importa que exerçamos uma conduta ética e comprometida, semelhante a que Bourdieu descreve no prefácio da obra “A Imigração” (1998) de Abdelmalek Sayad, quando se refere ao pesquisador de campo:

Ele está presente, e escuta, e grava, e transcreve, e transmite, sem frases, as palavras que atrai e acolhe, como uma confissão (...), com uma simpatia sem *pathos*, uma cumplicidade sem inocência, uma compreensão sem complacência e condescendência.

²⁰ Todas as palavras e depoimentos referentes à entrevistada que aparecem no decorrer do trabalho são transcrições exatas da fala da migrante. Já as falas dos demais entrevistados foram retiradas de anotações do diário do campo, das conversas informais e do momento das entrevistas/questionários.

²¹ O modelo do termo de consentimento que foi assinado pela entrevistada consta no apêndice A.

²² Os modelos do questionário, em português e em francês, bem como o roteiro da entrevista constam nos apêndices B e C.

Desse modo aproximamo-nos do empírico e estivemos presentes, observando e ouvindo, a fim de tentar compreender como um grupo de migrantes explica e dá significado às suas experiências, reconhecendo que cada história que nos foi confiada é relevante por ser única, mas também por carregar elementos do todo.

3.2. Os perfis dos migrantes:

O objetivo deste tópico é traçar brevemente os perfis dos 6 integrantes que compõem este estudo. Nosso intuito é aproximar o leitor desses sujeitos e daquilo que fizemos no decorrer da pesquisa, apresentando, sucintamente, alguns aspectos que caracterizam cada migrante pesquisado. As informações que são aqui trazidas foram colhidas dos questionários, entrevistas e daquilo que foi dito ou observado no decorrer da experiência em campo. Salientamos que, para preservação da identidade dos migrantes, não divulgaremos os nomes dos sujeitos. Para referenciá-los, enumeramos os entrevistados.

3.2.1. Entrevistada 1

Mulher negra, 36 anos, solteira. É natural de Santo Domingo, capital da República Dominicana. Chegou ao Brasil sozinha, motivada pela busca de uma vida diferente da que tinha em seu país de origem. Mãe de 4 filhos e vítima de violência doméstica, a entrevistada encontrou na migração uma possibilidade de se manter distante do ex marido e da relação abusiva conjugal que tanto a fez sofrer. Assim, no ano de 2015, ela deixa os filhos com sua mãe e vem para o Brasil em busca do sonho de liberdade e uma vida feliz.

“Migrei por problema pessoal. Eu queria sair para um lugar, um lugar qualquer. Tinha uma amiga aqui que me falou que era bom. Bom de viver, de morar, bom de tudo. Pela forma dela falar, eu queria conhecer. E aí vim parar aqui. É porque eu queria viver. Eu pensava assim: fugindo, indo para outro mundo, conhecendo outro mundo, outro continente, eu ia ser feliz”.

“Ele me feria porque era um pai ruim. E um marido ruim. Ele me traía bastante. Me traía com a minha prima. Com as minhas amigas. Era terrível. Por isso eu desisti de tudo e da minha família para vir para o Brasil. Porque eu queria sonhar. Eu queria sair daquele pesadelo. Eu queria ser feliz”.

Ela é a migrante de quem eu mais me aproximei em campo. Muito comunicativa, sempre se mostrou aberta e disponível para as conversas. Na sua trajetória de migração, passou pelo Equador e Peru até chegar ao Brasil. Aqui, morou alguns meses no Acre e depois se mudou para Florianópolis. Ela relata que, durante o tempo que passou em Rio Branco, no Acre, chegou a morar em um abrigo para refugiados e, posteriormente, na rua. Dormia no chão da rodoviária, onde trabalhou ajudando a carregar bagagens dos passageiros.

“Porque no abrigo a gente não tem como conseguir emprego, não tem como sobreviver. Porque, se você saiu por problema pessoal, quando você chega, o único objetivo é trabalhar, né? No abrigo você não consegue. Você tem banho e comida e só. Eles não vão dar dinheiro pra você, não vão dar nada. Você precisa trabalhar. Não dava pra trabalhar ficando no abrigo porque no abrigo tinha hora pra entrar e sair. Se eles fecham a porta você não pode entrar mais. E eu precisava trabalhar de noite também. E, aquela coisa... eu queria formar o meu mundo. E como diz aquela frase: você constrói a tua felicidade e também a tua infelicidade. Eu queria criar o meu mundo e o meu mundo não tava dentro daquele abrigo. Por isso fiquei na rua”.

“Dormia no chão da rodoviária. E eu falei: “Jesus, isso não é vida para mim. Me dê um sinal”. E veio o nome Florianópolis na minha cabeça, na minha mente. Eu nunca esqueci. Então eu fui falar com um motorista e eu perguntei para ele: “Você sabe donde fica Florianópolis”? E ele respondeu para mim, em espanhol: “Oito dias e oito noites para chegar lá. E é R\$ 1.000,00”. Aí paguei para ele e ele fez tudo. E durante oito dias e oito noites eu perguntava para ele: “Ainda não?”, sempre que parava o ônibus. E ele falava: “Ainda não”. Aí quando chegou aqui em Florianópolis ele falou: “Agora sim”. Meu Deus! Pensa. Oito dias e oito noites. Eu quase não comi nesses dias, não tinha dinheiro pra comer, gastei tudo com a passagem”.

Ao chegar na rodoviária de Florianópolis, sem saber onde iria morar, ela conheceu o entrevistado 5, que também participa desta pesquisa, e que na época trabalhava na rodoviária da cidade. Ao identificar que ela também é migrante e aparentava precisar de ajuda, ofereceu abrigo em sua casa (que na época era uma república de migrantes). Hoje eles são namorados e trabalham lado a lado em uma das mesas de triagem da ACMR.

3.2.2. Entrevistada 2

Mulher negra, 50 anos, viúva. É haitiana, da cidade do Cabo Haitiano, e está no Brasil desde 2016. Perdeu o marido na guerra e é mãe de 5 filhos, cujas idades são: 20, 18, 16, 14 e 12 anos. Todos os filhos vivem no Haiti e, da renda que recebe na ACMR, ela separa uma parte para aluguel, alimentação e outras despesas de necessidades básicas. O restante envia para a família no Haiti. Já morou na República Dominicana antes de migrar para o Brasil e, aqui, fez escala em Manaus, São Paulo, mas somente morou em Florianópolis até então. A migrante veio para o Brasil em busca de melhores condições de vida e trabalho.

“Eu sempre via o Brasil pela televisão. Achava tudo muito bonito. A gente idealiza, não é? Tive muita vontade de mudar. Tentar a vida aqui. E aí juntei dinheiro por um tempo e vim”.

Ela diz não pensar retornar ao país de origem e afirma que se encontra muito satisfeita com a vida no Brasil, apesar de sentir muitas saudades dos filhos: “*Aqui eu me sinto bem. Povo trata bem e tem respeito*”.

3.2.3. Entrevistada 3

Mulher negra, 35 anos, casada. É natural de Porto Príncipe, capital do Haiti, e está no Brasil desde 2018. Migrou sozinha e deixou no país de origem marido e 4 filhos, de 20, 16, 13 e 8 anos. Veio em busca de um trabalho melhor, com o qual pudesse sustentar a família.

Foi a primeira migrante que conhecemos na ACMR e logo nos conquistou com seu sorriso largo e simpatia. Nossa comunicação, no entanto, foi limitada por causa do idioma. Ela fala e compreende muito pouco a língua portuguesa e para entrevistá-la contamos com a ajuda do entrevistado 5, o qual esteve presente como intérprete. Quando a conhecemos, no dia em que fomos de mesa em mesa coletar alguns dados para a ACMR, a migrante, em francês, pediu para que Gabriela a “adotasse”. “*Você pode me levar para a sua casa? Eu posso trabalhar e morar lá. Me leva?* ”.

3.2.4. Entrevistada 4

Mulher negra, 47 anos, solteira. É haitiana, natural do Cabo Haitiano. Vive no Brasil desde 2015 e migrou em busca de melhores condições de trabalho. É ela quem ajuda no sustento dos 3 filhos (de 26, 19 e 15 anos), que estão todos no Haiti. Em sua trajetória migratória também passou pelo Equador e, aqui no Brasil, ela viveu por um curto tempo em Rio Branco,

no Acre. Determinada, vem há alguns meses procurando outro trabalho que não seja a reciclagem. *“Estou procurando outra coisa. Na área da faxina ou em restaurante. Mas não acha. Faz tempo que mando currículo, mas ninguém chama”*. Migrou sozinha, porém hoje vive com seu afilhado, que também participa desta pesquisa (Entrevistado 6).

3.2.5. Entrevistado 5

Homem negro, 35 anos, solteiro. Natural do Cabo Haitiano, vive no Brasil desde 2014 e se mudou por indicação de um amigo, também do Haiti, que havia se mudado para o Brasil e parecia satisfeito: *“Ele falou que aqui era bom e tinha trabalho. No Haiti é mais difícil achar trabalho. Aqui é melhor”*.

Com o trabalho na Associação, sustenta o pai, a mãe e seus 4 filhos, que vivem no Haiti com as mães (são todos de mães diferentes). Para isso, ele relata trabalhar dia e noite e até de madrugada. *“Tem que trabalhar direto. Aí eu consigo separar o máximo de material e render um bom dinheiro para a família”*. Durante as conversas informais, ele nos contou que está doente, com um tumor na cabeça. E, por não saber até quando vai viver, precisa garantir o sustento da família o máximo que puder.

Em sua trajetória migratória, passou pela República Dominicana, Equador e Peru, até chegar ao Brasil, pelo Acre. Morou 8 meses em São Paulo e 1 ano em Curitiba antes de se mudar para Florianópolis.

3.2.6. Entrevistado 6

Homem negro, 31 anos, solteiro. Natural do Cabo Haitiano, é afilhado da Entrevistada 4, o único parentesco que possui no Brasil. É pai de uma criança de 6 anos, a qual vive no Haiti com a mãe. Ganhar um salário mais alto e possibilitar uma vida de maior qualidade para o filho foram as principais motivações da migração.

Antes de migrar para o Brasil, vivenciou outras migrações. Morou um ano nos Estados Unidos, até ser deportado. Em seguida, migrou para a República Dominicana, onde morou por aproximadamente 10 anos. Foi da República Dominicana que migrou para o Brasil, no ano de 2015, passando pela Colômbia, Equador e Peru, até chegar ao Brasil, pelo Estado do Acre.

A família do migrante possui um grande histórico de processos migratórios. Ele nos contou que tem 13 irmãos e que todos moram em países diferentes. As migrações dos irmãos foram motivadas, principalmente, pelo terremoto no Haiti no ano de 2010, um dos mais devastadores da história mundial. *“Eu lembro muito bem. Muita gente da minha família morreu nesse terremoto”*.

4. VIDAS EM ENTRELUGARES: O SER MIGRANTE

*Digo: o real não está na saída nem na chegada:
ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.*

*E me depositem também numa canoinha de nada,
nessa água, que não para, de longas beiras: e, eu,
rio abaixo, rio afora, rio adentro — o rio.*

(Guimarães Rosa)

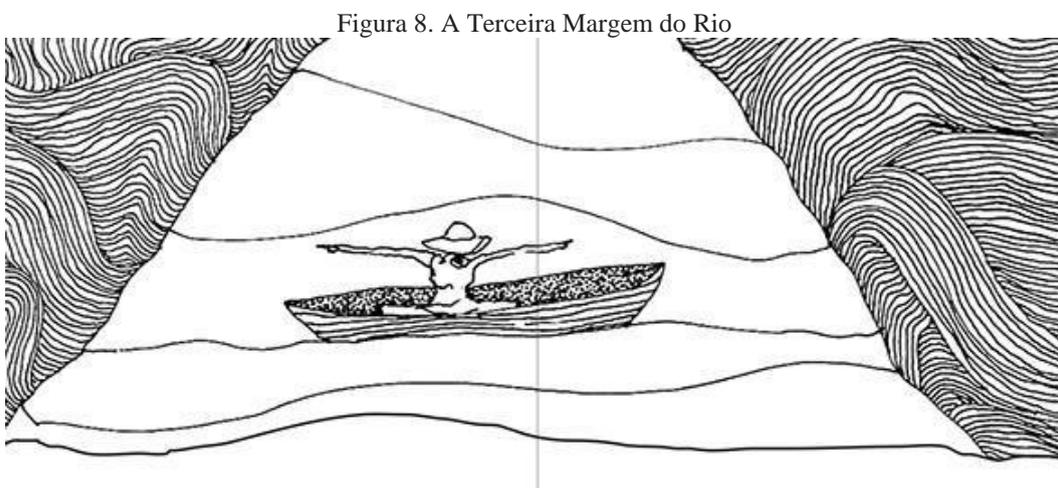


Ilustração do conto A Terceira Margem do Rio, do livro Primeiras Estórias - Guimarães Rosa

Conforme exposto anteriormente, pela concepção de Sayad (1998), migrante é o sujeito que se desloca no espaço. Espaço esse que é multifacetado e assume sentidos diversos, para além do campo físico, num processo em que aspectos culturais e identitários também se deslocam e se reconfiguram. No fenômeno das Migrações, lugares são sempre ressignificados. Para o geógrafo Tuan (2013), o conceito de lugar é construído a partir da experiência dos sujeitos e dos sentidos por eles atribuídos, cujo processo não se dá fora da Cultura, da História e das relações sociais. O autor acrescenta, ainda, que *espaço* e *lugar*, embora tratados como sinônimos, possuem perspectivas distintas. Enquanto o espaço se revela mais abrangente, o lugar só existe atrelado à experiência, que acontece individual e coletivamente. Lugar é, assim, o espaço experienciado, em que se atribui sentido e vínculo (TUAN, 2013).

Na mesma direção, Ferraz (2010) aponta que no lugar são produzidas e depositadas formas de valorização, de caráter diverso (econômico, simbólico, afetivo, histórico, etc.), e é a representação desse valor que faz com que um sujeito entenda um lugar como sendo “seu”. Nessa perspectiva, o *entrelugar*²³ se caracteriza, então, por se constituir na fronteira. Trata-se de uma dimensão “em trânsito”, um espaço “descentrado e ambivalente”, o qual promove trocas, ao passo que também produz diferença (BHABHA, 1998). Um lugar intermediário, fronteiro, em que “aqui e lá”, “passado e presente”, “o eu e o outro” coabitam e produzem novos sentidos.

A presença do entrelugar é também abordada e poetizada por Guimarães Rosa no conto *A terceira margem do rio*, do livro *Primeiras Estórias*. A narrativa se passa no rio, num barco à deriva, e conta a história de um velho homem que, sem explicar o porquê, decide passar o resto da vida no barco, no meio do rio, enquanto os que nas margens permanecem precisam lidar com essa decisão aparentemente insólita. Rosa situa o personagem principal no entrelugar, entre uma margem e outra, visto que a ele cabe “a invenção de permanecer naqueles espaços do rio de meio a meio”, num barco que não “pojava em nenhuma das duas beiras” (ROSA, 1978). Entre uma margem e outra, o personagem habita e produz uma outra margem: a terceira margem do rio.

Pode-se dizer, a partir dessa lógica, que a produção de entrelugares é constitutiva da experiência humana, uma vez que habitamos e produzimos lugares intermediários em que questões distintas e até dicotômicas se misturam, chocam, disputam e dialogam. No entanto, a produção do entrelugar é o que parece acontecer com mais intensidade, ou de forma mais perceptível, no processo migratório. O migrante, ao se deslocar, busca se *enraizar* no lugar de destino, sem, contudo, *desenraizar*-se do seu lugar de origem. E no caminho do meio, no *entrelugar* (SANTIAGO, 1978), nos *espaços intersticiais* (BHABHA, 1998), na *terceira margem* (ROSA, 1978) são produzidas novas expressões identitárias, novas concepções, novos sentidos e novas estratégias para existir e resistir na condição de migrante.

Diante disso, importa-nos pensar o fenômeno migratório a partir de como ele se expressa na experiência de quem migra. Assim, a proposta deste capítulo é conhecer como os migrantes da pesquisa percebem e dão sentido às suas experiências migratórias. Buscamos, nessa direção, compreender as estratégias com as quais esses sujeitos operam para sobreviver,

²³ O termo (encontrado com e sem hífen) é amplamente abordado por autores como Silvano Santiago, na literatura, e por Homi Bhabha, nos estudos culturais, e se refere à ideia de um lugar intermediário. No caso de Santiago, o entrelugar faz referência à posição do discurso literário do continente americano em relação aos países europeus. Já Homi Bhabha faz menção aos lugares de fronteira e hibridização dos aspectos culturais.

existir e resistir no Brasil, mais especificamente em Florianópolis e, principalmente, no contexto de trabalho na ACMR.

4.1. Esperanças de um futuro melhor: Motivações das chegadas e partidas

Ninguém migra por migrar. Migra-se por necessidade. Migra-se por medo. Migra-se por coragem. Migra-se por amor. Migra-se por ódio. Migra-se para fugir. Migra-se para encontrar. Migra-se para morrer. Migra-se para nascer em outro lugar.

(MARTINS et al., 2014)

O Brasil se revela, na atualidade, um dos principais receptores de migrantes haitianos do mundo. Diante de um contexto historicamente marcado por crises, instabilidades econômicas e políticas, além de catástrofes naturais e sociais, o Haiti, que já foi a colônia mais próspera do mundo no século XVIII, assume hoje a posição de país mais pobre da América e um dos mais empobrecidos do planeta. Tal condição tem produzido e reproduzido fatores de “expulsão” populacional, resultando em uma expressiva tradição migrante no País (MAGALHÃES e BAENINGER, 2016).

Embora haja registros de presença haitiana no Brasil em outras épocas, é a partir de 2010, pós terremoto que assolou o Haiti, que um fluxo significativo de migrantes chega ao País (FERNANDES, MILESI, PIMENTA e CARMO, 2013). Os deslocamentos migratórios de dominicanos, no entanto, não apresentam tanta expressividade quanto o de haitianos, sendo a República Dominicana, também, um país receptor de migrantes do Haiti desde o século XIX (MAGALHÃES e BAENINGER, 2016). A presença dominicana no Brasil, conforme vimos, revela-se consideravelmente baixa, uma vez que o número de migrantes oriundos desse país, os quais aqui residem, nem aparece no *ranking* das pesquisas.

De acordo com Magalhães (2017), a migração haitiana para o Brasil tem como principal motivação o trabalho. É em busca de oportunidades de trabalho e salários melhores que a maior parte dos migrantes haitianos aqui chega. A dificuldade de encontrar trabalho no Haiti, somada às restrições na entrada de migrantes em países da Europa e nos Estados Unidos, configura o

Brasil (e outros países da América Latina) em um atrativo destino para permanência ou trânsito de migrantes (MAGALHÃES, 2017). Desse modo, todos os integrantes haitianos desta pesquisa migram na expectativa de aqui encontrar melhores condições de vida e trabalho.

“Vim buscar trabalho. Lá está em falta” (Entrevistada 2)

“Ganhar um dinheiro para sustentar a família” (Entrevistada 3)

“Para trabalhar. Sobreviver” (Entrevistada 4)

“Vim procurar trabalho. Qualquer trabalho. Qualquer coisa que sustente a família” (Entrevistado 5).

“Buscar um futuro, ganhar mais, ganhar melhor. Em Haiti você não consegue” (Entrevistado 6).

Sustentar a si mesmo e a família que ficou no Haiti é a causa central da migração desses sujeitos. Todos os migrantes, incluindo a migrante dominicana, enviam recursos financeiros para o país de origem. Uma parte da renda que eles recebem na ACMR é usada somente para as despesas de necessidades mais básicas (moradia, alimentação, transporte e outras) e todo o restante é enviado para as famílias no Haiti e República Dominicana. A renda extraída precisa, portanto, dar conta de suprir as necessidades daqui e de lá. Para isso, os migrantes são submetidos a intensas cargas de trabalho, como veremos mais adiante.

Conforme abordado nos perfis dos migrantes, a motivação migratória que destoa das demais é a da migrante dominicana. Ela é a única integrante do grupo que migra por questões que não estão diretamente relacionadas ao trabalho e ao sustento da família. Ela se desloca em busca de si mesma e da liberdade. Insatisfeita com o casamento, enxerga na migração a oportunidade de se desvencilhar do marido e encontrar uma felicidade que ela diz não ter sentido na antiga vida.

“Meu ex marido... ele não dava valor para mim. Valor como mulher, sabe? Eu me sentia miserável como mulher. Porque ele saía e não tinha dia pra chegar. Não tinha horário pra chegar. E eu ficava sozinha com as crianças. Ele não tinha responsabilidade com a família. Teve uma hora que eu cansei. Eu falei: “Não é essa a vida que eu quero. Eu quero uma vida para mim. Eu quero ser feliz. Eu quero ser amada. Quero ser desejada.”. Sabe? Eu queria chamar a atenção. Me sentir mulher. Qual a mulher que não gosta de chamar atenção? De ser amada. Sabe? E eu não era. Eu sentia

que eu era um trapo velho. Não me sentia mulher. Eu me sentia mãe e escrava, mas mulher não”.

A entrevistada migra, portanto, por questões de gênero. Ela é mais uma de um número imensurável de mulheres que são diariamente invisibilizadas pelos seus parceiros e pela sociedade, a qual historicamente atribui à mulher o papel de cuidar da casa e dos filhos, reduzindo-as, pelas palavras da migrante, a mães e “escravas”.

A dominicana, que aqui no Brasil se converteu ao cristianismo, mais especificamente à tradição protestante evangélica, relata que se arrepende muito por ter, em 2015, optado por migrar. Além das expectativas não terem sido supridas, visto que aqui ela passou e tem passado por inúmeras dificuldades, a migrante carrega ainda o peso da culpa e do julgamento alheio por ter deixado os filhos e priorizado o sonho da felicidade e liberdade. Ela acrescenta que, de todas as dores que já sentiu e sente na condição de migrante, a pior é a culpa de ter sido, pelas palavras dela, “uma mãe ruim”. É possível que a nova prática religiosa seja um meio de lidar com essa culpa. Durante a entrevista, e principalmente nas conversas informais, ela menciona que, embora ainda se sinta culpada, sabe que Deus já a perdoou dos “erros” passados, transformando-a em “uma nova criatura”.

“Tem muitas coisas que eu perdi que jamais será recuperado. A minha caçula, anteontem, ela fez 6 anos. Eu deixei ela quando ela tinha 1 ano. Então nunca participei de sua vida. Do seu aniversário. Não sei como ela é. Ela não me conhece direito. Não me vê como mãe. Porque eu não fui sua mãe. E minha filha mais velha, quando ela se formou, bem mocinha, eu não estava ali para ajudar. E tem também meus dois moços que são adolescentes. Meu Deus! Eu perdi muito. Eu tava ausente na vida deles. São coisas que a gente não recupera jamais. Porque o tempo passa e não volta”.

“Então isso me machuca bastante. Ela nem me chama de mãe. Ela me chama por meu nome. Em janeiro de 2018 eu fui para lá. Eu cheguei lá e ela falou: “quem é você?”. Isso machucou tanto! E los outros, os irmãos dela, diziam para ela: “sí, és nossa mãe”. E ela estranhava bastante. Ela disse: “Eu não sei como chamar você”. Isso machuca a gente. Mas, na realidade, pra mim, ela é uma desconhecida. E eu sou desconhecida para ela” – referindo-se à filha caçula.

“Eu aprendi uma grande lição. E eu quero falar uma coisa. Uma coisa para qualquer pessoa que vai escutar esse áudio. Para dar valor no que tem. E quem tem família... família não se abandona. Família é um tesouro que Deus nos deu. Que hoje em dia a gente não sabe o valor, pero amanhã, quando a gente pagar o preço, a gente vai aprender. Eu me arrependo bastante. Por ter abandonado a minha família, por ter pensado só em mim e na minha felicidade. Eu me arrependo muito [com os olhos marejados de lágrimas e muito emocionada] porque uma pessoa que tem filhos tem que dar valor. Eu não dei. Eu não fui uma boa mãe. Eu fui uma mãe ruim”.

A entrevistada muito se emocionou ao relatar sobre a saudade que sente dos filhos e sobre a dor de não ter podido acompanhar seus passos e experiências, especialmente da filha caçula, de quem ela esteve presencialmente perto somente em seu primeiro ano de vida. A história e a narrativa da migrante refletem questões de gênero que, cada vez mais, fazem-se necessárias que sejam abordadas e discutidas. Para Lauxen e Quadrado (2018) importa:

problematizar os modos de exercer a maternidade e seus significados, considerando-a como construção histórica e social, sendo entendida de diferentes maneiras, de acordo com os tempos e as possibilidades. Olhar a maternidade desta perspectiva é difícil, pois geralmente ser mãe está associado a um assunto considerado sagrado e as/os filhas/os são vistas/os como presentes de Deus. Entretanto, questionar o amor materno como instinto e as subjetividades femininas deste contexto se faz urgente e necessário, como um instrumento político na luta pela igualdade entre os gêneros.

A romantização da maternidade, histórica e socialmente construída, e a responsabilidade exclusiva pelos filhos que geralmente recai sobre a mulher resultam na invisibilização, e até mesmo em uma certa anulação, da mulher como sujeito. Importa reconhecermos que a maternidade tem amplas facetas e a concepção social do papel de mãe pode esconder a subjetividade da mulher que também se cansa, sofre, enfrenta crises e, por vezes, se anula e é anulada. Essa foi a causa que motivou a migração da entrevistada e, hoje, é o motivo pelo qual ela se arrepende de ter migrado.

De acordo com Marinucci (2007), é urgente pensar e repensar as questões de gênero nas Migrações, visto que o fenômeno tem passado por um processo de *feminização* nos últimos tempos. Para a autora, a presença da mulher no contexto migratório tendia anteriormente a

ocupar um lugar passivo e de pouca visibilidade, pois partia-se do pressuposto de que o ato de migrar estaria associado apenas aos homens, ficando a participação das mulheres reduzida aos papéis de acompanhantes e esposas.

A discussão da feminização dos fluxos migratórios, todavia, é crescente e vai além do aspecto quantitativo. Ou seja, o número de mulheres migrantes tem aumentado, entretanto, para além disso, o papel das mulheres no fenômeno também tem se reconfigurado (MARINUCCI, 2007). Se antes elas migravam exclusivamente na condição de acompanhantes e esposas, hoje elas migram também na condição de provedoras e autônomas. No caso desta pesquisa, as 4 mulheres envolvidas migram independentes, seja na busca de trabalho, como provedoras de sustento à família, ou para fugir de relações abusivas e se reconectar consigo mesmas.

4.2. Educação e Migração: Trajetórias formativas dos sujeitos da pesquisa

Segundo dados do IBGE (2018), no Haiti, a taxa de alfabetização de pessoas com 15 anos de idade ou mais é de, aproximadamente, 61%, enquanto as taxas do Brasil e República Dominicana são consideravelmente maiores, ambas próximas de 93%. Segundo Joint (2008), o sistema educacional haitiano foi influenciado pelo modelo dos colonizadores franceses no período da escravidão e mantido após a independência. Assim, “para acompanhar a evolução do sistema educacional do Haiti, é preciso ressaltar a lógica desigual desse sistema desde a sua criação”. Da fundação das primeiras instituições de ensino haitianas²⁴, até os dias atuais, a escola opera no sentido de segregar as classes e oferecer uma educação distinta. Segundo o autor, os sistemas público e privado de ensino do País distinguem-se, sobretudo, pela população atendida. As crianças oriundas de famílias de baixa renda compõem a escola pública, enquanto as que vem de meios mais privilegiados se inserem nas escolas privadas. As instituições de ensino, de educação básica e superior, embora tenham passado por reconfigurações e avanços, ainda não são capazes de garantir acesso, permanência e uma educação de qualidade a todos e todas.

Essa realidade, no entanto, não é exclusiva do Haiti. O sistema de ensino brasileiro também é historicamente desigual. De acordo com Valle (2013), frente à meritocracia escolar, “as desigualdades fracionam-se, multiplicam-se e diversificam-se no âmbito da escola (...), sem que se consiga desmontar o mecanismo e a lógica que elas ocultam”. A escola se constitui,

²⁴ Contextualizamos apenas as instituições de ensino haitianas pois não encontramos pesquisas brasileiras que abordam a educação ou as instituições de ensino dominicanas.

portanto, de forma paradoxal: se de um lado ela revela um papel formador, assumindo-se, inclusive, como meio que oportuniza a ascensão social; do outro, opera de modo a manter, legitimar e reproduzir as desigualdades entre as classes. Para a autora, a educação brasileira, embora tenha vivido processos de democratização – como a conquista jurídica, em 1988, da educação como direito de todos – ainda exclui, segrega e apresenta impasses como o baixo desempenho e o abandono escolar (VALLE, 2013). Acrescenta, ainda, que se faz necessário descortinar os mecanismos que produzem e reproduzem as desigualdades e injustiças escolares (e as pesquisas sociológicas da educação têm se debruçado sobre isso), a fim de buscar promover um outro tipo de educação possível. Ou seja, importa “apreender os mecanismos da escola conservadora – e reprodutora – a fim de saber em que condições a escola pode se tornar libertadora – e justa” (VALLE, 2013).

Em relação à escolarização dos migrantes participantes da pesquisa, dois deles revelam não ter frequentado a escola, enquanto os demais chegaram a cursar, ainda que parcialmente, o que aqui no Brasil classificamos como Ensino Médio, todos na rede pública de ensino. No quadro abaixo é apresentado o grau de escolaridade dos migrantes:

Quadro 5. Escolaridade dos migrantes

Migrante	Escolaridade	Observação
Entrevistada 1	Ensino superior incompleto	Curso de Enfermagem
Entrevistada 2	Ensino médio incompleto	Fez curso profissionalizante de cabelereira
Entrevistada 3	Não frequentou a escola	
Entrevistada 4	Não frequentou a escola	
Entrevistado 5	Ensino médio completo	Estudou em escola profissionalizante/técnica costura e têxtil
Entrevistado 6	Ensino médio completo	

Fonte: Elaborado pela autora

A Entrevistada 1 é a única integrante do grupo que teve acesso ao Ensino Superior. Ela fala quatro idiomas (espanhol, português, crioulo haitiano²⁵ e francês) e é a migrante que vem de uma condição familiar financeiramente mais privilegiada. No entanto, devido às demandas

²⁵ A Entrevistada 1 é natural da República Dominicana, mas seus pais são migrantes oriundos do Haiti. Assim, ela também domina o idioma haitiano.

do lar e cuidado dos filhos, não lhe foi possível concluir o curso de Enfermagem e ela acabou trilhando outros caminhos.

Constata-se, a partir dos dados coletados, que as diferenças entre os níveis de escolaridade desses sujeitos, aqui no Brasil, pouco pesam em relação à inserção no mercado de trabalho. Na ACMR todos desempenham as mesmas funções, independentemente de serem alfabetizados/escolarizados ou não. De acordo com Ruediger (2015), o que se observa no Brasil é que as políticas migratórias ainda apresentam muitas dificuldades de promover integração dos migrantes internacionais no mercado de trabalho de acordo com as suas qualificações. O autor também aponta que, além das dificuldades de reconhecimento dessas habilidades e competências, a validação de diplomas estrangeiros demanda grandes burocracias. Dessa forma, o migrante tende a ocupar cargos considerados inferiores à sua formação e nível de escolarização.

O domínio da língua é um aspecto que certamente influencia na integração do migrante na sociedade de destino e, conseqüentemente, em sua inserção no mercado de trabalho. Alguns migrantes relatam, contudo, que mesmo depois de aprenderem parcialmente o idioma tiveram dificuldades de inserção e, principalmente, de permanência no mercado de trabalho.

No trecho da entrevista a seguir, a Entrevistada 1 conta sua experiência:

Mariana: Quanto tempo levou desde que você chegou a Florianópolis até conseguir o primeiro emprego?

Entrevistada 1: Foi rápido. Passou mais ou menos uns 22 dias e eu já tava trabalhando nesse restaurante.

Mariana: Mas sem falar o português ainda?

Entrevistada 1: Não, eu não falava. Mas o espanhol é parecido com o português, então eu me virava. E nesses trabalhos assim, o povo não interessa se você fala ou não fala o idioma. Eles não querem te ouvir. Interessa é que você trabalha. Então não faz diferença.

Mariana: Qual era a sua função nesse emprego?

Entrevistada 1: Eu fazia de tudo. Cortava a carne, descascava as coisas, limpava. Lavava as louças, limpava chão, banheiro. Fazia de tudo. Não tinha um trabalho fixo, eu fazia de tudo.

Mariana: Não tinha carteira assinada, né?

Entrevistada 1: Não, não. Tudo informal.

Mariana: Ficou quanto tempo nesse emprego?

Entrevistada 1: Quase dois meses. Mas não sei porque quis, o dono me tirou. Ele me mandou embora. Naquele momento eu fiquei desesperada, né? “Meu Deus, eu preciso desse emprego”. A moça que também trabalhava lá me levou pra trabalhar em outro emprego, numa fábrica de bolachas. Mas lá tinha 90 dias de experiência, mas eu não passei na experiência. Eles falaram para mim que eu era muito boa, trabalhava certinho, mas que não dava para ter tanto funcionário. Não podiam me pagar. Aí eu fiquei quase dois meses sem trabalhar.

A Entrevistada 4 também expõe sua dificuldade em conseguir trabalho: *“Faz tempo que eu mando currículo, mas ninguém chama”*.

Segundo Cavalcanti e Tonhati (2017), desde 2013 os haitianos ocupam a primeira posição entre os migrantes no mercado de trabalho formal no Brasil, sendo as principais atividades exercidas: “construção de edifícios; abate de aves, frigorífico – abate de suínos, restaurantes e similares e limpeza em prédios e em domicílios” (CAVALCANTI e TONHATI, 2017). Os autores ressaltam, no entanto, que não se pode desconsiderar o fator da informalidade no trabalho. Assim como não há registros precisos quanto ao número de migrantes residindo no Brasil, visto que muitos deles estão aqui em situação irregular, mensurar o número de migrantes na condição de trabalho informal apresenta a mesma dificuldade. O que se observa, entretanto, é que nos trabalhos formais e informais há predomínio de incompatibilidade entre as funções exercidas pelos migrantes no Brasil e seus níveis de escolarização. Todavia, eles seguem persistindo na busca por melhores condições de vida e trabalho.

Conhecer as perspectivas futuras dos migrantes em relação à formação é também objetivo desta pesquisa. Ao questioná-los sobre os desejos e possibilidades de retomarem ou avançarem nos estudos, todos responderam positivamente sendo algo que eles desejam, mas não hoje, não agora, nem num futuro muito próximo, visto que a realidade atual de vida desses sujeitos não permite conciliar tais projetos. A prioridade e o foco de todos eles no momento têm sido o trabalho e o sustento da família. No entanto, ainda que não haja previsão de como e quando, desejos como aprender ou aprimorar a língua portuguesa, fazer uma faculdade, estudar gastronomia, confeitaria e curso de mecânica surgiram nos momentos da entrevista.

4.3. “Não trabalho por gosto. É necessidade”: O cotidiano e as condições de trabalho dos migrantes

A maioria dos associados, incluindo todos os migrantes da pesquisa, trabalha no pátio interno da ACMR, “área que abriga mesas de triagem organizadas em duas fileiras, formando um corredor central por onde são arrastados manualmente as *big bags* para a balança ou para o rejeito” (COUTO, 2020). Em cada mesa trabalham dois associados, os quais geralmente são membros de uma mesma família ou pessoas com maior vínculo de amizade. Os migrantes em questão trabalham todos próximos uns dos outros e dividem as mesas, de dois em dois, realizando, juntamente com os demais associados da ACMR, a triagem do material oriundo da coleta seletiva de Florianópolis.

Segundo Couto (2020), esses resíduos triados nas mesas, chamados de “prensado” pelos associados, são, em geral, considerados de baixa qualidade. A autora ressalta também que a forma como é feita a coleta (compactando e triturando o material nos caminhões) é extremamente prejudicial aos trabalhadores, visto que esse sistema “provoca diversos acidentes de trabalho, além de aumentar o percentual de rejeito devido à contaminação por vidro quebrado e chorume no material reciclável, que perde seu valor de comercialização”. Materiais de proteção como luvas nem sempre são disponibilizados pela administração da Associação e foram muitas as vezes que presenciei acidentes com cortes de vidro durante o trabalho. “*Acontece todo dia*”, relatou uma associada. “*Nem sempre tem luva, mas mesmo com luva a gente se corta*”, acrescentou.

Após a triagem, os associados arrastam todo o montante do material até a balança (localizada nos fundos do galpão), onde tudo o que foi triado é pesado por um dos membros da diretoria e registrado em comandas individuais. O peso é, então, contabilizado no final do dia e lançado no sistema da Associação, o qual, com *login* e senha, cada associado pode acessar e acompanhar²⁶ sua produção.

²⁶No corredor do pátio fica disponibilizado um computador. Assim, os associados podem consultar suas produções no decorrer da semana.

Figura 9. “Prensado” – material para triagem



Fonte: Acervo de Gabriela Albanás Couto

O pagamento é realizado todas as sextas-feiras e quanto maior o volume de material separado na triagem, maior o valor recebido no fim de cada semana. Não há um salário definido, portanto. O volume de material que chega à ACMR varia e, segundo os catadores, há épocas em que o que chega é abundante e rende um bom dinheiro. Todavia, há períodos em que o volume de resíduos cai drasticamente, impossibilitando-os de produzir.

Conforme já mencionado, para os migrantes os recursos financeiros provenientes do trabalho na Associação precisam dar conta de suprir as necessidades básicas dos sujeitos aqui no Brasil e da família no país de origem. Para isso, eles são submetidos a intensa carga de trabalho. São em média 12 horas de triagem por dia para extrair uma renda próxima de R\$800,00 semanais, nos períodos de grande volume de material, e R\$400,00 semanais em tempos de baixa. Eles costumam sair muito cedo para o trabalho e passam a maior parte do dia na Associação, voltando a noite apenas para dormir e recomeçar a rotina no dia seguinte. O Entrevistado 5 relata que, a fim de aproveitar o tempo dispendido no trajeto casa-trabalho, ele tem o costume de ficar na Associação alguns dias da semana. Como estratégia para aumentar a renda, ele se habituou a trabalhar direto (dia, noite e madrugada), tirando apenas algumas poucas horas do dia para descansar e dormir, ali mesmo.

“Tem que trabalhar na noite também. Se não, não é suficiente. Só nós [os migrantes] é que trabalha aqui de noite. Brasileiro não gosta de trabalhar de noite.”
(Entrevistado 5)

“Saio de casa todo dia 4h da manhã e só volto à noite, umas 22h. É puxado!”
(Entrevistada 2)

O ritmo intenso de trabalho dos migrantes me chamou a atenção desde o período de observação. Eles parecem nunca parar. Em certos momentos, como no horário do almoço, é comum assistirmos os associados brasileiros da ACMR fazerem pausas e tirarem um tempo para o descanso. Nesses momentos, no entanto, os migrantes costumam seguir trabalhando.

A rotina de trabalho é extremamente puxada e eles reconhecem. Todos os migrantes residem na região de São José/SC e percorrem longa distância de ônibus até a Associação. O bairro em que moram pertence a uma região periférica da cidade, onde os alugueis costumam custar menos que nas regiões mais próximas da ACMR. Dessa forma, eles percorrem longo trajeto até o trabalho todos os dias. Um outro ponto negativo, além da distância, é o valor da passagem de ônibus, que é alto por se tratar de uma viagem intermunicipal. Apesar disso, a atividade de triagem dos materiais é uma possibilidade concreta de extrair a renda que precisam e por isso eles não cogitam, no momento, sair do ramo da reciclagem. Em outros trabalhos realizados aqui no Brasil, o salário era fixo e não lhes era possível arcar com todas as despesas que possuem.

No quadro a seguir, são apresentadas algumas das funções laborais já desempenhadas pelos migrantes nos seus países de origem e no Brasil, antes de se inserirem na ACMR:

Quadro 6. Atividades laborais dos migrantes

Migrantes	Atividades laborais no país de origem	Atividades laborais no Brasil (antes da ACMR)
Entrevistada 1	Babá; setor administrativo em uma fábrica de plástico; trabalho na microempresa da família; venda de marmitas	Faxina; auxiliar de cozinha em restaurante; reciclagem em outra associação de catadores: “Reciclado do Chicão ²⁷ ”

²⁷ No processo de configuração da ACMR e de transição dos catadores do Centro para um outro espaço, parte da família Rodrigues do Santos formou uma instituição privada de reciclagem, conhecida popularmente como “Reciclado do Chicão”, a qual se localizava na região de São José/SC. Alguns dos migrantes desta pesquisa trabalharam lá antes de chegarem à ACMR. No entanto, esse espaço sofreu um incêndio por acidente e não existe mais. Assim, os membros que dirigiam a antiga instituição (todos parentes dos membros dirigentes da ACMR) encaminharam trabalhadores para o galpão do Itacorubi, incluindo os migrantes.

Entrevistada 2	Auxiliar de cozinha em restaurante; cabelereira; sacoleira (compra e revenda de roupas)	“Reciclagem do Chicão”
Entrevistada 3	Venda de produtos em feira	Faxina
Entrevistada 4	Sacoleira (compra e revenda de roupas)	“Reciclagem do Chicão”
Entrevistado 5	Moto - taxi	Auxiliar de construção/ pintor
Entrevistado 6	Pedreiro; Auxiliar de mecânico	Auxiliar de construção civil

Fonte: Elaborado pela autora

Ao questioná-los sobre estarem satisfeitos ou não com o trabalho na ACMR, todos os migrantes responderam que não gostam do que fazem, porém não pretendem, no momento, abandonar essa atividade, visto que, segundo eles, há poucas ou praticamente nenhuma possibilidade de extrair uma renda equivalente em outro trabalho.

“Não trabalho por gosto. É necessidade! Eu preciso disso aqui” (Entrevistada 4)

“Tenho vontade de sair daqui, mas só se conseguir um lugar que ganha mais. É difícil” (Entrevistado 6)

“Não gosto. Era melhor trabalhar com construção e pintura. Mas o dinheiro aqui é maior” (Entrevistado 5)

“Ela é doente, não aguenta isso aqui. Trabalho aqui é duro. Ela quer buscar outro trabalho” (Entrevistado 5 respondendo pela Entrevistada 3)

“Não gosto daqui. Queria outro trabalho. Em hotel ou restaurante” (Entrevistada 2)

A Entrevistada 1, com quem conversamos mais sobre essas questões, também manifesta insatisfação com o trabalho, e não apenas em relação à atividade em si e à rotina cansativa, mas, especialmente, a respeito das relações com os colegas da instituição. Em muitos momentos da entrevista, ela faz comparações entre a ACMR e a outra instituição de reciclagem, o “reciclado do Chicão”. Segundo ela, no antigo trabalho era “melhor tratada” e possuía vínculos de afeto e amizade. “*Ali era como se a gente fosse família*”, ela relata. Já a respeito do trabalho atual, queixas sobre relações ruins com os colegas são frequentes.

4.4. “O Brasil não é casa” – Os desafios dos migrantes no processo de Integração Social

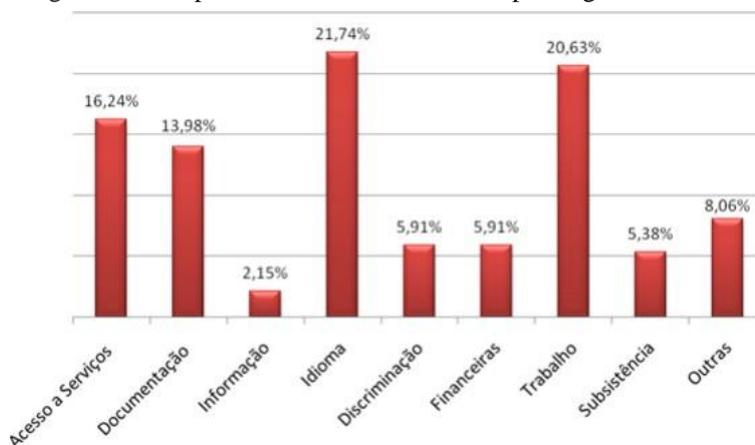
O importante não é a casa onde moramos, mas onde, em nós, a casa mora.

(Mia Couto em Um rio chamado tempo e uma casa chamada terra)

O conceito de Integração Social tem sido mobilizado visando analisar o fenômeno das Migrações, especialmente no campo da Sociologia. De acordo com Pires (2012), integrar “é o modo como indivíduos autônomos são incorporados num espaço social comum através dos seus relacionamentos, isto é, como são constituídos os laços e símbolos de pertença coletiva”. Assim, pensar a integração social de migrantes é pensar as relações dos sujeitos com a sociedade e a cultura do país de destino. Somados às especificidades culturais e identitárias, o domínio da língua, as políticas de acolhimento e questões de ordem discriminatória como racismo e xenofobia são fatores que influenciam na integração social do migrante no país de chegada. Nosso intuito aqui, no entanto, não é adentrar no conceito de integração social, nem em como ela acontece, mas conhecer alguns dos obstáculos e desafios que os migrantes da pesquisa enfrentam nesse processo.

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o principal desafio relatado por migrantes no Brasil está relacionado ao idioma, conforme demonstra a figura a seguir:

Figura 9. Principais dificuldades enfrentadas por migrantes no Brasil



Fonte: IPEA, 2015.

É unânime também entre os sujeitos deste estudo que o maior desafio com o qual precisaram e ainda precisam lidar é o domínio da língua portuguesa. Não falar e compreender o idioma majoritário do país de destino pode dificultar o acesso dos migrantes a serviços básicos de saúde, segurança, educação e a inserção nas atividades laborais. Além disso, o não domínio do idioma dificulta também que migrantes estabeleçam laços e vínculos de amizade, reforçando, assim, sua condição de isolamento.

Todos os integrantes do estudo chegam ao Brasil sem falar e compreender a língua portuguesa. A Entrevistada 1 e o Entrevistado 6, que já dominavam o espanhol, relatam que não tiveram tanta dificuldade em aprender o português. Já os demais, sim. A partir das respostas aos questionários, são apresentadas no quadro abaixo as relações que os migrantes possuem com a língua portuguesa, no que diz respeito à fala²⁸, compreensão, leitura e escrita.

Quadro 7. Relação dos migrantes com a língua portuguesa

Migrante	Fala	Compreende	Lê	Escreve
Entrevistada 1	Bem	Bem	Bem	Razoável
Entrevistada 2	Razoável	Bem	Pouco	Pouco
Entrevistada 3	Muito pouco	Muito pouco	Nada	Nada
Entrevistada 4	Pouco	Muito pouco	Nada	Nada
Entrevistado 5	Bem	Bem	Pouco	Pouco
Entrevistado 6	Bem	Bem	Pouco	Pouco

Fonte: Elaborado pela autora

Aprender ou aprimorar o idioma brasileiro através de cursos e aulas de português é um desejo e plano futuro dos migrantes da pesquisa. A aprendizagem da língua, contudo, tem se dado no dia a dia, a partir das relações cotidianas com os brasileiros, especialmente no âmbito do trabalho, que é onde eles passam a maior parte do tempo.

Sobre as relações de trabalho na ACMR, o que se observa é que essas são muitas vezes permeadas por conflitos e disputas, em que questões identitárias se sobressaem. Para Hall (2003), a identidade só se torna uma questão quando aquilo que se supõe fixo e estável entra em crise. É no contraste do outro que a identidade se afirma. Santos (2001) acrescenta que “identidades são, pois, identificações em curso”, revelando, assim, um caráter dinâmico, constituído nas relações. No decorrer da pesquisa foi possível observar que os associados migrantes parecem estar à margem de muito do que acontece na Associação. Percebe-se,

²⁸No questionário esquecemos de contemplar a questão da fala. No entanto, como eles responderam sob a nossa mediação, acrescentamos essa questão no momento.

também, que o entrosamento do grupo é maior entre eles do que com os brasileiros. Isso é esperado e compreensível, visto que há elementos que promovem um sentimento de identificação entre os sujeitos: 1) a condição de serem migrantes; 2) o fato de serem migrantes de uma mesma nacionalidade (A Entrevistada 1, embora seja da República Dominicana, é filha de haitianos e possui vínculos afetivos com o Haiti); 3) A identificação com a língua, os costumes e a cultura do país de origem.

Faz-se necessário, todavia, reconhecer que a baixa interação dos sujeitos migrantes com os brasileiros na ACMR não está relacionada somente a uma questão de identificação entre os sujeitos. Práticas de racismo e xenofobia são realidades presentes no espaço em que estão inseridos, ora mais, ora menos escancaradas, e certamente são fatores que promovem e acentuam a condição de isolamento dos migrantes. Para a Entrevistada 1, a presença e o trabalho do grupo incomodam uma considerável parcela dos associados, conforme é exposto no trecho da entrevista a seguir:

Entrevistada 1: (...) No Itacorubi [ACMR] é tudo diferente. O povo te xinga de uma maneira que, meu Deus, eu nunca vi.

Mariana: Esse povo que você diz é quem? Os outros associados? A coordenação?

Entrevistada 1: Não é todo mundo, mas é a maioria. Os colegas. Colega que eu falo é quem trabalha nas mesas. Se você faz um material a mais, se ganha a mais, já é um problema. Inventam qualquer coisa pra falar de ti na diretoria. É como um tipo de inveja. E quando eles não consegue o que quer, eles te xingam. Só de você olhar para eles, já te xingam. Eles têm preconceito.

Mariana: Quais preconceitos?

Entrevistada 1: Todo tipo de preconceito.

Mariana: Preconceito de cor? De raça?

Entrevistada 1: Eu acho que o preconceito não é o preconceito de cor. Eles não gostam de quem é imigrante. Brasileiro lá dentro faz qualquer coisa, ninguém se importa. Pero se você é um tipo de imigrante, você é tratado diferente.

O Entrevistado 5 é o único do grupo que afirma na resposta ao questionário sofrer manifestações de racismo e xenofobia. “*Chamam a gente de macaco, chamam a gente de merda*”, ele revela. Para o haitiano, as discriminações que sofre são pela cor da pele, mas, sobretudo, pelo fato de ser um negro migrante, uma vez que, segundo ele, muitas das práticas

discriminatórias advêm de brasileiros negros. “*Sofro racismo de brasileiro preto. Tem gente com a pele mais escura que a minha que me chama de macaco*”. Os brasileiros aos quais o entrevistado se refere, diante da violência produzida pelo racismo estrutural do qual são vítimas, acabam por reproduzir sobre os migrantes pretos a opressão que vivem.

Segundo Antunes (2017), a prática discriminatória sobre os migrantes pretos, especialmente os haitianos, está fortemente atrelada ao papel que a mídia exerce no sentido de produzir e propagar uma ideia estereotipada de povo “miserável e inferior”, que promove e consolida uma certa “indesejabilidade” desses sujeitos aqui no Brasil. O Entrevistado 6, durante a entrevista, revela sua resistência a respeito desse imaginário social.

“As pessoas aqui xingam porque não sabem nada de viagem. Acham que todo estrangeiro sai do seu país porque passa fome. Eu não saí porque tava passando fome. Nunca passei fome. Eu saí porque queria um futuro”.

A Entrevistada 1 também revela sua indignação perante o imaginário coletivo presente na Associação: “*Aqui o imigrante é tratado como uma coisa só. Chamam a gente de haitiano. A gente tem nome e eu nem haitiana sou. Mas eles acham que é tudo a mesma coisa*”. Combater as práticas discriminatórias requer romper com o imaginário estereotipado predominante no Brasil, o qual atribui ao migrante negro uma ideia de inferioridade e subalternidade.

A Entrevistada 1 acrescenta que práticas discriminatórias somente aconteceram com ela no âmbito do trabalho. Talvez esse seja o motivo de ela ter respondido no questionário não haver sofrido manifestações de racismo e xenofobia no Brasil, embora tenha relatado diversos casos no decorrer da entrevista. É possível que ela considere que a prática discriminatória seja um caso isolado da ACMR, e não um fenômeno estrutural na sociedade brasileira. Conforme vimos, os migrantes da pesquisa passam a maior parte do tempo na Associação, restando pouco ou praticamente nenhum momento para vivenciarem relações fora do ambiente de trabalho. Nas nossas conversas informais, eles diziam conhecer muito pouco da cidade e relataram não frequentar a praia e outros espaços de Florianópolis e região: “*Não dá tempo! Tem que trabalhar*”. A própria rotina de vida é um fator que dificulta a integração. Eles muito pouco experienciam a cidade e tudo o que ela proporciona, de forma que a rotina de vida se reduz ao trabalho, o qual eles declaradamente não gostam, reforçando, assim, um sentimento de estranhamento e não pertencimento, como revela a fala da Entrevistada 1: “*O Brasil não é casa*”.

4.5. Sonhos não envelhecem? As expectativas e perspectivas futuras dos migrantes da pesquisa

O que faz andar a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar, a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro.

(Mia Couto em Terra Sonâmbula)

Retornar ao lugar de origem? Quando? Permanecer no Brasil e trazer os familiares? Como? São questões que frequentemente interpelam a vida dos migrantes em questão. Eles não sabem exatamente se permanecerão aqui, para sempre ou por mais um tempo, ou se voltarão ao país de origem em algum momento. No decorrer do período em campo e durante as entrevistas eles parecem alternar as opiniões a esse respeito. Ora dizem que pensam em ficar, ora afirmam o desejo de retornar, configurando, assim, a vida e o querer no entrelugar. A imprevisibilidade do futuro para esses migrantes parece gerar um sentimento ainda mais potente de vida provisória. Provisória principalmente em relação à atividade laboral na ACMR. Todos os migrantes manifestam desejos e planos de mudança em relação ao trabalho e à rotina de vida, que se revela tão puxada, desgastante e, por vezes, humilhante. Essa provisoriedade, no entanto, parece perdurar.

A seguir, apresentamos brevemente alguns dos desejos e perspectivas futuras manifestadas pelos migrantes no dia em que aplicamos os questionários. Faz-se necessário ressaltar, todavia, que, conforme exposto acima, houve momentos em que os sujeitos apresentaram queres distintos em relação ao retorno e permanência.

Entrevistada 1

Planeja juntar um dinheiro e retornar assim que possível à República Dominicana. “Não tem dia e nem hora, mas um dia você vai chegar em ACMR e perguntar: “Onde está a ...? “. Eu vou ter ido embora”. Voltar ao país de origem e “recuperar” o tempo que passou e tem passado longe dos filhos é o objetivo da migrante.

“Eu quero muito ir. Vou juntar um dinheiro. Trabalhar no verão para juntar um dinheiro para pagar a passagem e para levar um troquinho. E, se der, pra terminar aquela casa. Quem sabe, né? Só Jesus sabe”.

Entrevistada 2

Diz estar muito satisfeita com o Brasil e não pensa, no momento, em voltar definitivamente para o Haiti. No entanto, ela almeja encontrar um outro trabalho que não esteja relacionado à triagem de resíduos. Pensa, futuramente, estudar confeitaria e trabalhar em hotel ou restaurante.

Entrevistada 3

Não sabe se volta ou se fica. “*Só Deus sabe!*”, ela diz. Porém, caso decida ficar, deseja trazer o marido e os filhos mais novos para viverem aqui com ela. “*Gosto daqui. Aqui tem segurança e posso andar na rua tranquila. Lá tem muitas mortes*”. Ela pretende, também, aprender a língua portuguesa e fazer um curso profissional de cozinha.

Entrevistada 4

Pensa em voltar definitivamente. “*Um dia...*”, declara, incerta de como e quando. Um plano de futuro mais próximo é sair da ACMR. Ela tem buscado trabalho na área de faxina ou de auxiliar de cozinha em restaurante. Estudar e aprender a língua portuguesa é um desejo que a migrante manifesta.

Entrevistado 5

Não planeja retornar definitivamente ao Haiti. “*Só para visitar*”, ele diz. Pensa em juntar um dinheiro na ACMR e futuramente buscar um trabalho no qual possa pintar. Manusear pinceis e tinta é o que ele gosta de fazer.

Entrevistado 6

Pretende continuar no Brasil nesse momento mas planeja futuramente viajar o mundo, sem saber exatamente onde fincará morada. Não pensa, no entanto, em voltar definitivamente para o Haiti. Dar sequência nos estudos não é algo que cogita no momento, mas deseja, um dia, ingressar-se no Ensino Superior. “*Quero muito fazer faculdade. Na área de mecânica*”.

O que se percebe nas falas de todos os migrantes é o desejo de proporcionar à família, especialmente aos filhos, a oportunidade de uma condição de vida diferenciada daquela que eles tiveram (e ainda têm). Apesar das muitas dificuldades, eles seguem persistindo bravamente por melhores condições de vida e trabalho, esperançosos de que o que está adiante será melhor.

5. O SUJEITO MIGRANTE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: QUAL “É A PARTE QUE TE CABE²⁹”?

Qual a relevância de se abordar o fenômeno das Migrações em um curso de Pedagogia? O que a Educação tem a ver com os fluxos migratórios, afinal? É verdade que a abordagem dessa temática não é tão corriqueira nos trabalhos de conclusão do nosso curso, uma vez que na grade curricular da Pedagogia da UFSC a criança e a Educação Infantil estão mais intensamente centradas e presentes. Consideramos, no entanto, que, para além da Educação Infantil e dos saberes escolares, a Pedagogia se compromete com a formação humana. Além disso, a Educação é um direito não apenas da criança, mas de todo e qualquer sujeito. Diante disso, importa-nos pensar qual lugar o migrante ocupa na educação brasileira. Há espaço para ele? Em que medida o direito à educação é assegurado à população migrante? Refletir sobre essas questões e sobre a relevância de se atentar ao fenômeno migratório e aos sujeitos migrantes nas pesquisas de Educação e no Curso de Pedagogia é a proposta deste tópico.

Até o ano de 2017, o documento regulador da presença de migrantes no Brasil era o Estatuto do Estrangeiro (Lei n. 6.815), cuja elaboração data a década de 1980, ainda durante o período da Ditadura Militar. Segundo Guerra (2017), o Estatuto do Estrangeiro foi concebido em prol da segurança nacional, apresentando uma visão discriminatória a respeito de quem migra ao Brasil. Nesse documento, o migrante é retratado como sendo o “outro”, o “estranho” e aquele ou aquela que pode, de alguma maneira, apresentar algum tipo de ameaça à sociedade brasileira (GUERRA, 2017). Essa lógica contrária, portanto, fundamentos e princípios dos tratados de Direitos Humanos.

Foi somente em maio de 2017 que a nova Lei de Migração (Lei nº 13.445) foi sancionada no Brasil. De caráter muito mais humanitário, o atual documento, pelas palavras de Oliveira (2020), “trata o imigrante como sendo um concidadão do mundo, com direitos universais garantidos, todos providos gratuita e legitimamente pelo Estado, em conformidade com a política internacional de Direitos Humanos”. A nova Lei se pauta, portanto, na igualdade de direitos e oportunidades, opondo-se a qualquer tipo de preconceito ou discriminação. No art. 3º, consta que é de direito o “acesso igualitário e livre do imigrante a serviços, programas e benefícios sociais, bens públicos, **educação**, assistência jurídica integral pública, trabalho,

²⁹ O título foi inspirado no trecho “é a parte que te cabe deste latifúndio” da música “Funeral de um lavrador”, de Chico Buarque, a qual é inspirada na obra Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto.

moradia, serviço bancário e seguridade social [...]” (BRASIL, 2017). No que diz respeito à Educação, o artigo 4º da lei prevê:

Ao migrante é garantida no território nacional, em condição de igualdade com os nacionais, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, bem como são assegurados:

X - direito à educação pública, vedada a discriminação em razão da nacionalidade e da condição migratória.

Na mesma direção, o direito à educação a todos e todas já é assegurado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, que precede a nova Lei da Migração:

O acesso ao ensino fundamental é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída, e, ainda, o Ministério Público, acionar o Poder Público para exigi-lo.

Desse modo, de acordo com os documentos citados acima, o acesso à educação pública e gratuita no Brasil configura-se como um direito de todos, incluindo os sujeitos migrantes e refugiados. Faz-se necessário reconhecer, no entanto, que, embora a nova Lei de Migração tenha dado um salto muito significativo em relação aos fluxos migratórios, avançando nas questões de direitos, na prática, a integração efetiva na sociedade brasileira e o acesso e permanência desses sujeitos no âmbito educacional ainda são falhos e insuficientes.

De acordo com Bartlett, Rodríguez e Oliveira (2015), o acesso e o apoio às crianças e estudantes migrantes no Brasil (e demais países da América) são bastante limitados. Oliveira (2020) acrescenta que, no Brasil, as questões de abordagem e de promoção da diversidade têm feito cada vez mais parte da agenda educativa. Todavia, segundo a autora, o (i)migrante parece permanecer invisibilizado nesse processo:

A Secretaria do Ministério da Educação, que se ocupou durante os últimos 15 anos das políticas educacionais dirigidas à diversidade, desenvolveu diversos programas voltados ao acolhimento de diferentes grupos específicos no sistema escolar brasileiro. Foram desenvolvidos programas destinados a grupos étnicos (afrodescendente, indígena), a jovens e adultos, à população carcerária, aos que residem no meio rural, ao tratamento das questões sexual e de gênero (mulher e população LGTBI), à educação especial para pessoas com deficiências. Entretanto,

não se identificam programas específicos ao atendimento de imigrantes nas escolas. (OLIVEIRA, 2020)

É assegurado, pois, nos documentos normativos, o amparo legal aos sujeitos migrantes ou em situação de refúgio, garantindo a eles os mesmos direitos previstos às pessoas nascidas no Brasil. No entanto, o que se observa, de acordo com Barros, Mendes e Russo (2020), é que a população migrante parece encontrar maior auxílio e respaldo em Organizações Não Governamentais (ONGS) e/ou grupos/membros da sociedade civil do que no Estado. As autoras acrescentam, ainda, que as instituições públicas de ensino, as quais deveriam por lei garantir direitos a todos e todas, parecem não estar preparadas para um acolhimento efetivo dos sujeitos migrantes.

Um outro ponto sobre o qual as autoras discorrem diz respeito às barreiras e dificuldades na efetivação de matrículas de migrantes nas escolas públicas. A Lei garante a suficiência do documento de solicitação de refúgio, emitido pela Polícia Federal, na matrícula de uma criança migrante (ou em situação de refúgio) na escola pública. Entretanto, nem as escolas, nem as secretarias de educação, tampouco as famílias migrantes parecem ter conhecimento disso, visto que as efetivações das matrículas ainda apresentam inúmeras barreiras (BARROS, MENDES e RUSSO, 2020). Uma vez efetivadas as matrículas, importa questionarmos: como a escola lida e trabalha para a inserção efetiva de migrantes que não falam o idioma português? Os aspectos culturais desses sujeitos são inseridos e considerados pela escola? Em que medida? Atentar a essas questões se faz necessário no âmbito educacional, a fim de que esse seja um espaço que verdadeiramente favoreça a aprendizagem de todos e todas. Assim como faltam as orientações adequadas aos gestores das escolas a respeito da matrícula de migrantes, destaca-se que são insuficientes também as condições de permanência desses sujeitos no âmbito educacional brasileiro (BARROS, MENDES e RUSSO, 2020). As instituições públicas de ensino ainda não estão preparadas para o acolhimento efetivo das crianças vindas de fora, em virtude dos desafios, que são muitos, como a barreira da língua e as diferenças culturais. Além disso, muito pouco se investe na formação de professores a respeito dessas questões, de forma que o professor tende a ficar perdido quando se depara com os desafios de acolhimento de crianças e jovens migrantes nas creches e escolas (BARROS, MENDES e RUSSO, 2020).

Diante dessa conjuntura, consideramos de suma relevância que a temática das migrações encontre mais espaço nas pesquisas em Educação, bem como nas discussões do

Curso de Pedagogia. Infelizmente a Educação de Jovens e Adultos tem opado um lugar à margem no currículo do nosso curso. E mesmo na Educação Infantil, a abordagem a respeito do sujeito migrante é rara. Confesso que até o momento da minha inserção em campo e a realização deste trabalho a discussão acerca do fenômeno migratório e do sujeito migrante era para mim um tanto quanto indiferente. Eu não havia, até então, tomado consciência de que, enquanto futura pedagoga e futura professora, minha prática precisa ser pensada e concretizada de maneira a alcançar também crianças, jovens ou adultos migrantes. Faz-se necessário, todavia, reconhecer que acolher não significa impor sobre eles um tipo de aculturação brasileira. Pelo contrário. Importa criarmos possibilidades para uma integração efetiva, a qual valorize as diferentes culturas e identitárias, potencializando uma pluralidade que soma e enriquece, e não estigmatiza. Acolher esses sujeitos nas creches e escolas, criando meios e condições necessárias para a promoção da integração e aprendizagem, é papel também do professor. E, se é papel do professor, essa questão revela-se também como sendo uma pauta da Pedagogia.

Cabe dizer que pensar e reivindicar o acolhimento efetivo dos migrantes, não apenas no âmbito educacional, mas na sociedade brasileira em todas as esferas, reconhecendo-os como sujeitos de direitos, revela-se um grande desafio diante dos tempos caóticos em que estamos vivendo. O cenário político atual brasileiro, liderado pela figura de Jair Bolsonaro, parece querer instituir um projeto de Nação no qual os sujeitos migrantes, assim como no retrógrado Estatuto do Estrangeiro do período da Ditadura Militar, são considerados ameaças à seguridade nacional. O discurso nacionalista, o qual parece reforçar uma cultura de opressão e ódio, vociferado pelo presidente e seus seguidores, tem resultado, conforme apontam cientistas sociais, em um aumento expressivo de práticas xenofóbicas no Brasil.

Os discursos contra a produção da vacina chinesa para o novo Coronavírus podem exemplificar a recente e crescente onda xenofóbica no País. Outro exemplo atual diz respeito à morte do angolano João Manuel, em maio deste ano, na capital paulista, bem como a agressão a dois outros migrantes, que por motivação xenofóbica foram brutalmente violentados após discussão sobre o pagamento do auxílio-emergencial federal para sujeitos migrantes. Esses são apenas alguns casos de práticas e manifestações xenofóbicas dos muitos que têm ocorrido recentemente no Brasil.

Nas palavras do cantor e compositor Marcos Almeida (2020), uma pergunta nos interpela: “O “gigante pela própria natureza” pode ser, de fato, um país para todos nós?”. O Brasil, tão reconhecido como país hospitaleiro, acolhe verdadeiramente a todos e todas? Importa perguntarmo-nos constantemente qual o lugar que as minorias, incluindo os sujeitos

migrantes, têm ocupado (e de que forma têm ocupado) no Brasil. Em que medida, na Educação brasileira e no projeto-nação do Brasil atual, há lugar para o pobre, o negro, o indígena, a mulher, a comunidade LGBTQI+, a pessoa com deficiência, o migrante, o refugiado...? Parafrazeando Almeida (2020): no “gigante pela própria natureza”, será que cabe todo mundo?

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Migrações Internacionais não se configuram como um fenômeno recente. Voluntária ou involuntariamente, em massa ou individualmente, pelas mais variadas causas e em contextos diversos o ser humano sempre migrou. No entanto, os fluxos migratórios têm passado por constantes reconfigurações no decorrer da História, de forma que, nas diversas regiões, há épocas e períodos em que os deslocamentos de migrantes se constituem de modo mais ou menos intenso.

Recentemente, mais especificamente na última década, o Brasil tem se revelado um atrativo destino de permanência ou trânsito de migrantes, especialmente de haitianos. Diante desse contexto, este trabalho de conclusão de curso em Pedagogia buscou conhecer como um grupo de mulheres e homens migrantes, trabalhadores em uma associação de catadores em Florianópolis, dão sentido às suas experiências migratórias. A partir do período de observação em campo e de instrumentos metodológicos como aplicação de questionários e entrevistas, propusemo-nos a conhecer as motivações pelas quais o grupo decidiu (ou foi levado) a migrar, o grau de escolaridade dos sujeitos, as condições de trabalho na ACMR e como o grupo se relaciona com esse trabalho, os desafios por eles enfrentados nos processos de integração e, por fim, as expectativas e perspectivas futuras dos migrantes. Buscamos, também, abordar sucintamente o lugar à margem em que os migrantes têm ocupado no contexto educacional brasileiro, o que revela a urgente necessidade de se atentar a essas questões nas pesquisas e discussões do Curso de Pedagogia.

Revisitando os registros e as memórias dos caminhos percorridos na trajetória de pesquisa, o que se percebe a partir das falas, dos olhares, das visões de mundo e dos depoimentos dos migrantes deste estudo é o forte desejo de proporcionar à família a oportunidade de uma condição de vida diferenciada daquelas que tiveram. Deslocados dos seus países, de suas culturas e raízes, o que parece prevalecer nesse grupo, além da saudade, é, também, um certo sentimento de não pertencimento, o qual é potencializado, ainda, por desafios como o domínio da língua, as insuficientes políticas de acolhimento e questões de ordem discriminatória como racismo e xenofobia. Apesar disso, prevalecem também a luta por melhores condições de vida e trabalho e a esperança de que tempos melhores virão.

Assim, pode-se dizer que as experiências migratórias dos participantes deste estudo se constituem no entrelugar. Nesses espaços “de meio a meio” em que há memórias e vivências que ora eles desejam esquecer, ora querem recuperar. Na vida desses migrantes, cansaço, solidão, saudade e frustração se fazem potencialmente presentes. E, junto disso, coabitam garra,

sonho, esperança e resistência. É de sonho e é de luta que se constitui a experiência migratória desses sujeitos. E assim eles seguem: lutando, sonhando e resistindo nessa vida de entrelugares que, como diria Guimarães Rosa, “carece de ter coragem”.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marcos. Respirar. São Paulo, 23 nov. 2020. Instagram: @omarcosalmeida. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CHz7iVnn75g/>. Acesso em: 23 nov. 2020.
- ANTUNES MADEIRA DA SILVA, C. O enquadramento da tragédia social e a indesejabilidade da diáspora haitiana na mídia brasileira. 2017. 175p. Dissertação (Mestre em Ciências)- Pós Graduação em Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- BHABHA, H. K. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.
- BEAUD, S.; WEBER, F. Guide de l'enquête de terrain. Paris: La Découverte, 1998.
- BLANCHET, A.; GOTMAN, A. L'entretien dans les sciences sociales. Paris: Nathan, 1992.
- BRASIL. Lei no 6.815, de 19 de agosto de 1980. Define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração. Diário Oficial, Brasília, 21 ago. 1980. Seção 1.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- BRASIL. Lei nº. 13.445, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 maio 2017.
- BOURDIEU, P. (1997), A miséria do mundo. São Paulo, Vozes.
- BOURDIEU, P. (com Loïc Wacquant). Réponses. Paris: Le Seuil, 1992, p.225.
- CAVALCANTI, Leonardo.; TONHATI, Tânia. Características sociodemográficas e laborais da imigração haitiana no Brasil. Brasília, 2017.
- COMPANHIA MELHORAMENTOS DA CAPITAL (COMCAP). Plano de Gerenciamento de Resíduos Sólidos do Município de Florianópolis - PGRS. Florianópolis, COMCAP, 2011. Acesso em nov. 2020.
- COUTO, Gabriela Albanás. "Eu tenho muito orgulho de onde a gente chegou": um estudo da trajetória de uma família de catadores de materiais recicláveis em Santa Catarina a partir de diferentes perspectivas geracionais. 2020. 310 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.
- DALMOLIN, Bernadete Maria; LOPES, Stella Maris Brum; VASCONCELLOS, María da Penha Costa. A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DO CAMPO: ETNOGRAFIA, CRIATIVIDADE E SENSIBILIDADE NA INVESTIGAÇÃO. Saúde e Sociedade, São Paulo, 2002.
- DUARTE, Rosália. Pesquisa Qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo. Cadernos de Pesquisa. Rio de Janeiro, 2002.

FERNANDES, Durval; MILESI, Rosita; PIMENTA, Bruna; DO CARMO, Vanessa. Migração dos Haitianos para o Brasil: a RN no 97/2012: uma avaliação preliminar. *Refúgio, Migrações e Cidadania*, v. 8, n. 8, p. 55-71, 2013.

FERRAZ, Cláudio Benito. *Entrelugar: Apresentação*. Dourados, MS. 2010.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

GUERRA, Sidney. *A Nova Lei de Migração no Brasil: avanços e melhorias no campo dos direitos humanos*, 2017.

HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2003.

IBGE. *Censo demográfico 2000 - resultados da amostra*. Rio de Janeiro: IBGE. 2000.

IBGE. *Censo demográfico 2010 - resultados da amostra*. Rio de Janeiro: IBGE. 2010.

IBGE. *Estudos e Análises de Informação Demográfica e Socioeconômica*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nº 1., p. 1-60.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS - IPEA. Ministério da Justiça, Secretaria de Assuntos Legislativos. *Migrantes, apátridas e refugiados: subsídios para o aperfeiçoamento de acesso a serviços, direitos e políticas públicas no Brasil*. Brasília. 2015.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Atlas da violência Ipea e FBSP*. Brasília: Ipea, 2019.

JOINT, Louis Auguste. *Sistema educacional e desigualdades sociais no Haiti: o caso das escolas católicas*. In: *Pro-Posições*. Campinas, 2008.

LAUXEN, Jéssica; QUADRADO, Raquel Pereira. *Maternidade sem romantismos: alguns olhares sobre as maternidades e os sujeitos-mãe na contemporaneidade*. *Relacult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 4, n. 8, fev. 2018.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires, BAENINGER, Rosana. *O Haiti é Aqui: Haitianos em Santa Catarina e o conceito de síndrome emigratória*. Trabalho apresentado no XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em São Pedro/SP – Brasil, de 24 a 28 de novembro de 2014.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. *A imigração haitiana em Santa Catarina: perfil sociodemográfico do fluxo, contradições da inserção laboral e dependência de remessas no Haiti*. Tese (Doutorado) - Curso de Demografia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2017.

MAGNANI, José Guilherme. *Etnografia como Prática e Experiência*. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, Jul./Dez. 2009.

MARGALEF, Delia Dutra da Silveira. Mulheres migrantes peruanas em Brasília: o trabalho doméstico e a produção do espaço na cidade. 2012. 236 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

MARINUCCI, R. Feminização das migrações? REMHU v. 15, n. 29, 2007.

MARTINS, José R. V. et al. A Diáspora Haitiana: da utopia à realidade. 2014

MEKSENAS, Paulo. Métodos em Pesquisa Empírica. In: MEKSENAS, Paulo. Pesquisa Social e Ação Pedagógica: conceitos, métodos e práticas. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. Cap. 6. p. 109-137.

MENDES, Leila de Carvalho; RUSSO, Kelly; BARROS, Kellen Dias de. Entre hospitalidade e hostilidade: famílias em situação de imigração na rede pública de educação brasileira. Dialoga, São Paulo, 2020.

Ministério da Justiça e Segurança Pública do Governo Federal. OBMIGRA, 2019.

OIM. Organização Internacional para as Migrações. Disponível em: <http://www.iom.int/>. Acesso em setembro de 2020.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. Algumas abordagens teóricas a respeito do fenômeno migratório. In: OLIVEIRA, Luiz Antonio P.; OLIVEIRA, Antônio Tadeu R. (Org.) Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 2011.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. O imigrante na política educacional brasileira: um sujeito ausente. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-15, 2020.

Paiva, A. L. B., & Leite, A. P. M. R. Da emigração à imigração? Uma análise do perfil migratório brasileiro nos últimos cinquenta anos. Revista Ars Histórica, 2014.

PATARRA, Neide; FERNANDES, Duval Brasil: país de imigração? In Revista Internacional em Língua Portuguesa. Migrações III Série nº 24 , 2011.

PAUGAM, Serge. A reflexividade do sociólogo. In: PAUGAM, Serge (Org.). A pesquisa sociológica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

PIRES, Rui Pena. O problema da integração Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXIV, 2012.

RIBAS MATEOS, Natalia. Una invitación a la Sociología de la Migraciones. Barcelona: Bellaterra, 2004.

ROSA, J. G. A terceira margem do rio. In:_____. Primeiras histórias. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

RUEDIGER, M.A. Análise e avaliação do desenvolvimento institucional da política de imigração no Brasil para o século XXI. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Dezembro, 2015.

SANTIAGO, Silviano. “O entre-lugar do discurso latino americano”. In: Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural. São Paulo: Perspectiva: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

SANTOS, André Luiz. Do Mar ao Morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis. 2009. 658 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza. Pela Mão de Alice: o social e o político na pósmodernidade. São Paulo: Ed. Cortez, 2001.

SAYAD, Abdelmalek. A Imigração: ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp, 1998.

SENADO FEDERAL. Painel de Violência Contra Mulheres. Brasília, 2017.

SILVA, Filipe Rezende; FERNANDES, Duval. Desafios enfrentados pelos imigrantes no processo de integração social na sociedade brasileira. Revista do Instituto de Ciências Humanas, Belo Horizonte, v. 13, n. 18, 2017.

SOUZA, Jessé. A ralé brasileira: quem é e como vive. 3. ed. São Paulo: Contracorrente, 2017.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Trad. Livia Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

UNISOL BRASIL; ABIHPEC. Planejamento Estratégico da Associação de Coletores de Materiais Recicláveis 2018. Programa Dê a mão para o futuro, UNISOL Brasil/ABIHPEC, 2018.

VALLE, Ione Ribeiro. (In)Justiça escolar: estaria em xeque a concepção clássica de democratização da educação? São Paulo, 2013. p. 659-671.

VALLE, Ione Ribeiro. Uma escola justa contra o sistema de multiplicação das desigualdades sociais. Curitiba, 2013. p. 289-307.

ZAGO, Nadir et al. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: VILELA, Rita Amélia et al (org.). Itinerários de Pesquisa. Rio de Janeiro: Dp&a, 2003. p. 288.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA - TRINDADE
CEP: 88040-900 - FLORIANÓPOLIS - SC
TELEFONE: (48) 3721-2251
E-MAIL: ppge@contato.ufsc.br

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso - Pedagogia**Orientadora Responsável:** Dra. Ione Ribeiro Valle**Coorientadora:** Dra. Gabriela Albanás Couto**Discente:** Mariana Paulino Machado

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa da estudante Mariana Paulino Machado para Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia, sob a coordenação da Professora Dra. Ione Ribeiro Valle, a qual obedece aos termos da Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e suas complementares, bem como as determinações da Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC. Destaca-se que os resultados da pesquisa serão utilizados exclusivamente para o Trabalho de Conclusão do Curso e outros fins acadêmicos, tais como artigos, capítulos de livro e em comunicações em congressos. A identidade pessoal da entrevistada será preservada e o anonimato na pesquisa será assegurado. Quando houver divulgação dos resultados da pesquisa, os nomes dos envolvidos não serão de forma alguma divulgados, recorrendo, quando necessário, a nomes fictícios ou códigos numéricos. Os(as) participantes da pesquisa serão convidados(as) a conhecer e discutir os resultados da pesquisa; poderão solicitar a exclusão de qualquer parte de seus depoimentos ou análises tecidas pela pesquisadora; caso resulte em publicação, receberão cópia da mesma com dedicatória. Os dados serão armazenados em segurança pelos responsáveis pela pesquisa e sua identidade não será revelada, garantindo anonimato das fontes.

Comitê de ética em pesquisas com seres humanos (CEPSH):

Prédio Reitoria II

Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Trindade, Florianópolis/SC - CEP 88.040-400

Contato: (48) 3721-6094 - cep.propesq@contato.ufsc.br



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA - TRINDADE
CEP: 88040-900 - FLORIANÓPOLIS - SC
TELEFONE: (48) 3721-2251
E-MAIL: ppge@contato.ufsc.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Eu, _____, RG nº _____
declaro ter sido informado(a) e concordo em participar da pesquisa acima descrita, a partir da concessão de entrevista gravada em áudio. Declaro que fui informado(a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada. Certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais e de que meu nome e dados pessoais serão mantidos em sigilo. Sei que, em qualquer momento, poderei solicitar novas informações e modificar a minha decisão, se assim o desejar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Florianópolis, _____ de _____ de _____

Nome e assinatura do participante pesquisado

Desde a chegada ao Brasil reside em Florianópolis? ()Sim ()Não

Trajetória (cidades em que morou) antes de residir em Florianópolis:

Migrou para o Brasil: ()Sozinho(a) ()Com familiares Especifique:

Migração Voluntária (saiu do país de origem por escolha própria): ()Não ()Sim

Em caso positivo, indique os principais motivos:

()Razões de sobrevivência ()Busca por melhores condições de vida

()Pagar dívidas e hipotecas () Falta de trabalho

() Estudo ()Sustento da família

()Outros Quais?

Escolaridade: ()Ensino fundamental incompleto

()Ensino fundamental completo

()Ensino médio incompleto

()Ensino médio completo

()Ensino superior incompleto

()Ensino superior completo Curso:

Escolaridade em maior tempo no setor:

()Público ()Privado

Funções de trabalho que já desenvolveu no país de origem:

Desenvolveu alguma atividade de trabalho no Brasil antes de se inserir na ACMR?

Não Sim Quais?

Quais os meios de subsistência atualmente?

Trabalho na ACMR Pensão Rendimentos próprios Subsídio do governo

Ajuda financeira de familiares/amigos

Outros Quais?

Renda média mensal:

Quais são suas principais expectativas relacionadas ao trabalho? Deseja continuar trabalhando com reciclagem?

Quais são suas principais expectativas relacionadas aos estudos?

Enfrentou/enfrenta dificuldades de adaptação ao contexto brasileiro? Não Sim

Indique os principais:

Hábitos de vida Aprendizagem da Língua Integração social

Condições de trabalho Situações de racismo Situações de xenofobia

Compreende o português:

Muito pouco Pouco Razoável Bem Muito bem

Lê o português:

Muito pouco Pouco Razoável Bem Muito bem

Escreve em português:

Muito pouco Pouco Razoável Bem Muito bem

Já vivenciou algum tipo de discriminação?

Não Sim Quais:

Pretende retornar ao país de origem?

Sim Não

Caso positivo, em que situação?

Somente a passeio e/ou para visita de familiares/amigos

Voltar definitivamente Por quê?

Grau de satisfação com a vida no Brasil:

Muito satisfeito

Satisfeito

Pouco satisfeito

Insatisfeito Motivos:



Bonjour, je m'appelle Mariana et je suis étudiante en pédagogie à l'université fédérale de Santa Catarina. Pour terminer mon cours, j'ai choisi de rechercher le thème de l'immigration et de l'intégration sociale des immigrants dans les contextes brésiliens. J'aimerais beaucoup compter sur votre contribution à la construction de mes recherches. Alors, s'il vous plaît, répondez au questionnaire suivant et expliquez-moi un peu comment vous avez vécu au Brésil.

Ce questionnaire sert uniquement à des fins de recherche et, pour préserver votre identité, vous n'avez pas besoin de fournir de données telles que votre nom, des documents et votre numéro de téléphone.

Je suis disponible pour répondre à vos questions concernant le questionnaire et je vous remercie beaucoup.

Mariana
Florianópolis, Octobre 2019

Questionnaire :

Année de naissance : _____	Sexe : () F () M
Situation de famille : () Célibataire () Marié () Divorcé () Veuf () Autre	
Enfants : () Non () Oui Combien: L'âge des enfants :	
Lieu de naissance (Ville/Pays) :	
Année d'arrivée au Brésil :	

Est-ce vous habitez seulement a Florianópolis depuis d'arriver au Brésil ?

Non Oui

Dans quelles villes habitez-vous avant d'arriver à Florianópolis ?

Vous avez migré au Brésil : Seule Avec votre famille

Migration volontaire : (vous avez quitté votre pays par choix) Non Oui

Dans le cas positif, indiquer des principaux motifs :

- Des raisons de survie Envisager un nouveau avenir
 Pour payer des dettes Manque de travail
 Des études Soutien de famille
 Des autres. Quelles ?

Niveau de scolarisation :

- École élémentaire
 Collège
 Lycée pas complet
 Lycée
 Supérieur / Fac pas complet
 Supérieur / Fac Cursus :

Est-ce que vous avez suivis des stages de formation ? Quel/Quelles ?

Vous avez fréquenter l'école pour la plus partie :

- École publique École privée

<p>Quelles travaux vous avez pratiqué dans le pays d'origine :</p>
<p>Vous avez travaillé dans quelques fonctions au Brésil avant d'entrer à l'ACMR ? () Non () Oui Quelles ?</p>
<p>Quelles sont vos moyens de survie actuellement ? () Occupation dans ACMR () Retraite () Revenus propres () Aide de l'État () Aide de votre famille/amis () Des autres. Quelles ?</p>
<p>Revenu mensuel moyen :</p>
<p>Quelles sont vos principales attentes sur le travail ici au Brésil ? Est-ce que vous souhaitez continuer avec la recyclage ?</p>
<p>Quelles sont vos attentes concernant aux études ?</p>
<p>Est-ce que vous avez rencontrés des difficultés pour s'adapter au context brésilien ? () Non () Oui Indiquer des principales : () Habitudes de vie () Apprendre la langue () Intégration sociale () Des conditions de travail () Manifestations de racisme () Situations de xénophobie</p>
<p>Est-ce que vous comprenez le portugais ? () Presque rien () Un peu () Assez () Bien () Très bien</p>

Est-ce que vous lisez en portugais :

Presque rien Un peu Assez Bien Très bien

Est-ce que vous écrivez en portugais :

Presque rien Un peu Assez Bien Très bien

Est-ce que vous avez déjà vécu quelque discrimination ici au Brésil ?

Non Oui Quelles :

Est-ce que vous souhaitez retourner à votre pays d'origine ? Oui Non

Dans le cas positif, en quelle situation ?

Seulement pour se promener et visiter la famille et des amis

Retourner définitivement Pourquoi ?

Niveau de satisfaction avec la vie au Brésil :

Très content

Content

Plutôt content

Mécontent Motives :

D'autres considérations :

APÊNDICE C - Roteiro de entrevista semiestruturada

- Por que você decidiu vir para o Brasil? Quando veio? Como foi esse processo? (descrever a trajetória)
- Como foi o processo de adaptação? Quais foram as maiores dificuldades que você encontrou aqui?
- Como foi o processo de aprendizagem da língua?
- Você tem algum documento brasileiro? Quais foram os procedimentos para conseguir?
- Você teve alguma ajuda de órgãos do governo, ongs ou voluntários quando chegou aqui? Caso sim, ainda conta com alguma ajuda?
- Como foi o processo de conseguir moradia?
- Como foi o processo de inserção no mercado de trabalho?
- Você teve ou tem dificuldades de acessar os serviços públicos (médicos, registros, documentação em geral) aqui no Brasil?
- Você tem conhecimento de alguma iniciativa ou ações de atendimento à população imigrante?
- Você já sofreu ou sofre algum tipo de discriminação aqui no Brasil? Se sim, como isso aconteceu/acontece? Pode me contar alguma situação?
- Você gosta de viver no Brasil? Por quê?
- Pensa em voltar definitivamente?
- Desde que veio ao Brasil, já conseguiu visitar o país de origem? Quantas vezes?
- Qual sua escolaridade/ cursos que já fez?
- Quais suas expectativas em relação ao estudo?
- Como é trabalhar com reciclagem? Pretende continuar nesse ramo? Quais os pontos positivos? E os maiores desafios?
- Quais suas expectativas em relação ao trabalho?

- Como é a relação com os demais associados da ACMR? Você acha que há alguma diferença no tratamento pelo fato de você ser imigrante? Como é a sua relação com pessoal que coordena o trabalho aqui?
- Do que você mais sente falta no seu país de origem?
- Você veio para o Brasil sozinho ou com familiares?
- Você tem filhos? Quantos? Quais as idades?
- Você contribui para o sustento da sua família no país de origem? Quanto consegue mandar?
- Como você lida com a saudade dos filhos? Vocês se falam com frequência? Pretende buscá-los?
- Você acredita que está alcançando/alcançou os objetivos que tinha quando saiu de seu país? Você se arrepende de ter vindo?
- De modo geral, qual/quais são as maiores dificuldades que os imigrantes enfrentam vivendo em outro país?
- Você se sente acolhida pelo Brasil?
- Além da questão financeira, há mais alguma questão que te faça permanecer longe de casa por tanto tempo? O que te faz continuar ainda tentando a vida aqui?